



UNIVERSIDADE ESTADUAL DE FEIRA DE SANTANA
DEPARTAMENTO DE LETRAS E ARTES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ESTUDOS
LITERÁRIOS



RICARDO THADEU GUIMARÃES SOUZA

**O SER QUE SE BIFURCA: PERFIS BIOGRÁFICOS DE
ROBERVAL PEREYR**

Feira de Santana - BA
2014

RICARDO THADEU GUIMARÃES SOUZA

**O SER QUE SE BIFURCA: PERFIS BIOGRÁFICOS DE
ROBERVAL PEREYR**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Estudos Literários, da Universidade Estadual de Feira de Santana, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Estudos Literários.

Orientador: Prof. Dr. Rubens Edson Alves Pereira

Feira de Santana - BA
2014

RICARDO THADEU GUIMARÃES SOUZA

**O SER QUE SE BIFURCA: PERFIS BIOGRÁFICOS DE
ROBERVAL PEREYR**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós Graduação em Estudos Literários – PROGEL, da Universidade Estadual de Feira de Santana – UEFS, como requisito para obtenção para obtenção do título de Mestre em Estudos Literários.

Aprovada em _____

Prof. Dr. Rubens Edson Alves Pereira
Orientador – UEFS

Prof.^a Dr.^a Alana de Oliveira Freitas El Fahl
Membro – UEFS

Prof. Dr. Luiz Antonio de Carvalho Valverde
Membro – UNEB

Alguém me reconhece num retrato de menino.
Não sou eu: é minha antiga paz.
A história de um homem é sua pista falsa:
Estudam meus sonhos, meus passos, meus
mapas
E dizem quem sou inutilmente.
Inutilmente.
Porque sou sempre o que vem pelo atalho.

Roberval Pereyr

RESUMO

Neste trabalho, analisam-se aspectos da vida e da obra de Roberval Pereyr – importante poeta baiano contemporâneo –, buscando delinear dois perfis biográficos: o do sujeito empírico, traçado através de uma retrospectiva de sua atuação no campo da cultura e das artes em Feira de Santana, bem como seus pontos de vista sobre arte e sociedade; e o perfil do sujeito lírico, ao qual temos acesso através da apreciação dos poemas. Com este estudo objetiva-se ampliar o leque de informações a respeito da relação vida e obra do poeta. Memória, intertextualidade e metapoesia são eixos da abordagem que fazemos em convergência com dados biográficos do poeta, militante cultural, ensaísta, artista plástico e professor Roberval Pereyr. Em suma, faz-se o cruzamento dos dados biográficos socioculturais com a construção da persona poética.

Palavras-chave: Poesia. Biografia. Poemas. Roberval Pereyr.

RÉSUMEN

En este trabajo, se analizan aspectos de la vida y de la obra de Roberval Pereyr – importante poeta bahiano contemporáneo -, buscando delinear dos perfiles biográficos: el del sujeto empírico, trazado a través de una retrospectiva de su actuación en el campo de la cultura y de las artes en Feira de Santana, bien como sus puntos de vista sobre arte y sociedad; y el perfil del sujeto lírico, al cual tenemos acceso a través de la apreciación de los poemas. Con este estudio objetivase ampliar el abanico de informaciones a respecto de la relación vida y obra del poeta. Memoria, intertextualidad y metapoesía son ejes del abordaje que hacemos en convergencia con datos biográficos del poeta, militante cultural, ensayista, artista plástico y profesor Roberval Pereyr. En suma, hacemos el cruzamiento de los datos biográficos socioculturales con la construcción de la persona poética.

Palabras-clave: Poesía. Biografía. Roberval Pereyr.

A Marielza e Tadeu, meus pais.

AGRADECIMENTOS

A Deus, fonte de minha força espiritual.

Ao orientador Rubens Alves Pereira, pela paciência e pelo apoio no decorrer da escritura deste trabalho.

Ao poeta e amigo Roberval Pereyr, por colaborar com os dados necessários para a pesquisa, além de me ensinar, desde a graduação, lições preciosas sobre arte.

Aos professores do Programa de Pós-Graduação em Estudos Literários (PROGEL), especialmente Alana Freitas, que me ajudou, na qualificação, a dar um novo rumo à dissertação.

Aos amigos: Ana Clara, Lidiane e Vitor, pelo cuidado e preocupação no decorrer desta jornada.

Ao amigo Floriano, pelas caronas para Riachão.

Ao amigo Luciano, que, tão prontamente, aceitou ler esse trabalho.

A Dona Branca, pelo bom humor nos momentos mais críticos.

A minha família, de modo especial, minha mãe, Marielza; meu pai, Tadeu; meus irmãos, Carol e Beto; e minha noiva, Flávia, por me ajudarem a escrever mais essa página na minha história.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	11
1. ROBERVAL PEREYR: PERCURSO ARTÍSTICO-CULTURAL	15
1. 1. DO AUTOR.....	15
1.1.1. Formação escolar e universitária.....	15
1.1.2. Formação cultural.....	17
1.1.3. Liderança e Produção Cultural.....	19
1.1.4. Militância sociocultural.....	20
1.1.5. Prêmios e homenagens.....	21
1.2. DA OBRA.....	23
1.2.1. Poesia.....	23
1.2.2. Prosa literária.....	27
1.2.3. Periódicos e coleções.....	27
1.2.4. Teoria e Crítica.....	28
1.2.5. Letras de música.....	29
1.2.6. Artes plásticas.....	31
1.3. SOBRE O AUTOR.....	31
1.3.1. Fortuna Crítica.....	31
1.3.2. Tópicos ou linhas de leitura mais comuns.....	33
2. CRIAÇÃO E REFLEXÃO: PROCESSOS COMPLEMENTARES NA OBRA DE ROBERVAL PEREYR	37
2.1. ROBERVAL PEREYR E O UNIVERSO DA ARTE.....	37
2.1.1. Roberval Pereyr e a criação poética.....	44
2.1.2. A música do mundo, a música da língua.....	48
2.1.3. A edição como processo criativo.....	53
2.2. O OLHAR DO POETA SOBRE O MUNDO E A SOCIEDADE CONTEMPORÂNEA.....	54
3 UM E MUITOS: O PERFIL “BIOGRÁFICO” DO SUJEITO POÉTICO	59
3.1 NOS RASTROS DA MEMÓRIA.....	59

3.1.1. Pistas falsas: da (im)possibilidade de biografar o sujeito poético.....	59
3.1.2. “Nasci(dos) nos matos”: o sertão como ponto de convergência.....	64
3.1.3. A luta com o ego.....	65
3.2 METAPOESIA: A VOZ DA CONSCIÊNCIA CRIADORA.....	67
3.3 INTERTEXTUALIDADE: O DIÁLOGO COM O OUTRO.....	69
3.4 CONDENSANDO IDEIAS.....	75
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	77
REFERÊNCIAS.....	79

INTRODUÇÃO

Em 2007, a primeira aula dos calouros do curso de Licenciatura em Letras com Espanhol (UEFS), da qual fazíamos parte, foi de Teoria da Literatura I, ministrada pelo professor Roberval Alves Pereira. A aula foi principiada com a pergunta: “Como está a leitura dos textos literários?”, indagação que, mesmo encontrando silêncio como resposta algumas vezes, se repetiu em todas as aulas dele naquele semestre. A apreciação da teoria (Roland Barthes, Henry Miller e Rollo May, se não nos trai a memória) da qual tínhamos acesso pelas famigeradas fotocópias, teve, então, que se pairar com a leitura dos tais textos literários em poesia e prosa, que selecionávamos de acordo com nossa experiência e gosto pessoais.

No semestre seguinte, o professor Roberval Alves Pereira (quem já tratávamos pelo nome artístico: Roberval Pereyr) assumiu a disciplina Teoria da Literatura II e, depois de falar-nos da poesia lírica, matéria que a ser versada naquela cadeira, novamente indagou: “E como está a leitura dos textos literários?”. Nesse período, conhecemos, por sugestão do professor, os poemas do vigésimo número da revista *Hera*, lançado em 2005. E, mais uma vez, a leitura dos textos teóricos (de Octavio Paz e *Hugo Friedrich*) foi intercalada pelos textos literários. De maneira que, por diversas vezes, a aula iniciou-se com a exposição de um poema, que levantou questões fundamentais a ser explanadas pelo mestre.

Naquela época, também conhecemos o livro teórico de Roberval Pereyr, intitulado *A unidade primordial da lírica moderna*, que compunha a ementa como texto complementar, mas acabou ganhando destaque nas discussões sucedidas em sala, entrando, posteriormente, no hall das nossas leituras basilares sobre poesia e modernidade. Evidenciaram-se, naquelas aulas, por iniciativa nossa e dos demais graduandos, alguns dos poemas que faziam parte a referida edição de *Hera*, com destaque para os trabalhos de Iderval Miranda, Trazíbulo Henrique Pardo Casas, Juraci Dórea e do próprio Roberval Pereyr.

Despertamos (ou ampliamos) nesse momento, o gosto pela leitura, reflexão e discussão de literatura. Começamos a ler poesia quase diariamente e adquirimos, na medida do possível, obras dos principais poetas baianos e brasileiros. Participamos também de eventos sobre literatura dentro e fora da UEFS. Um desses encontros, no qual Pereyr falou demoradamente sobre poesia, se tornou um momento marcante em nossa trajetória acadêmica.

Quando decidimos pleitear uma vaga no curso de mestrado, o primeiro nome que nos ocorreu, então, foi o de Roberval Pereyr. Além de ser um poeta de nossa predileção, ele possui uma obra elogiada por grandes nomes da literatura e da crítica brasileira como Alexei Bueno e José Paulo Paes, além de ter vencido importantes prêmios como o Prêmio Braskem Academia de Letras da Bahia (2011) e o 2º. Prêmio Brasília de Literatura (2014). A obra de Pereyr foi também tema de uma dissertação de mestrado e uma tese de doutorado, na UEFS e na UFBA, respectivamente, além de diversos trabalhos de menor volume também no meio acadêmico. O enfoque dado a esses trabalhos, em geral, perpassa a detecção e explanação de características gerais e específicas da obra do poeta. Concluimos, então, que um caminho possível para a pesquisa era estudar a poesia no contexto da trajetória artístico-cultural de Roberval Pereyr, isto é, suas características poéticas em paralelo com o trabalho de editor, músico e professor universitário.

O presente trabalho conta com três capítulos. O primeiro é dividido em três partes, nas quais tratamos da vida, da obra e da bibliografia sobre o poeta. No primeiro tópico, são ressaltados pontos biográficos como a formação escolar e universitária, a formação cultural e a sua atuação no campo sociocultural de Feira de Santana, com destaque para a direção da Revista Hera.

A Revista Hera, publicação surgida na década de 1970 em torno de um grupo formado por jovens do Colégio Estadual de Faria de Santana, a princípio sob a coordenação de Antonio Brasileiro, publicou uma centena de escritores e revelou diversos nomes importantes da literatura baiana e brasileira. O grupo Hera, como ficou conhecido, incluía, entre outros, nomes como Luis Pimentel, Juraci Dórea, Washington Queiroz, Iderval Miranda, Trazíbulo Henrique Pardo

Casas, Carlos Pitta e Roberval Pereyr, tendo este último um espaço de destaque por ter publicado em todos os números da revista e pela posição de liderança que exerceu, à frente da publicação (sempre em parceria) durante mais de trinta anos.

Além de Hera, Pereyr esteve à frente de diversos periódicos e coleções. Fundou revistas nas universidades pelas quais passou, como professor e como estudante, a exemplo da revista *Duas Águas*, que fundou, ao lado de Pablo Simpson, em sua passagem pela UNICAMP. No campo social, podemos destacar sua atuação no Centro de Estudos do Menor de Feira de Santana (CEM), entidade de assistência a menores abandonados e carentes que Pereyr presidiu.

No segundo tópico, discorremos sobre a obra de Roberval Pereyr. Em seis subseções, falamos sobre a produção do artista em vários segmentos: música, artes plásticas, literatura (poesia e prosa literárias), teoria e crítica. Enumeramos os doze livros de poesia de Roberval Pereyr, reproduzindo as suas respectivas capas. Sobre a prosa literária, enumeramos os textos publicados nos primeiros números de Hera. Destacamos ainda a atuação de Pereyr como artista plástico e músico.

No terceiro tópico, discorremos sobre os tipos de textos escritos sobre a obra de Pereyr, enumerando os trabalhos publicados até hoje, dentre os quais destacamos o livro de Idmar Boaventura, intitulado *Dissonâncias Diante do Espelho: o lugar do sujeito na poética da alta modernidade* (2011), e o ensaio *Boletim de saúde*, do crítico literário José Paulo Paes.

No segundo capítulo, abordamos os pontos de vista de Roberval Pereyr a respeito da arte e da sociedade contemporânea. Para tanto, utilizamos como base o livro teórico de Pereyr, *A unidade primordial*, um artigo por ele escrito, intitulado Mercado e Culturalismo versus Poesia, e declarações em entrevistas para a televisão e sites especializados. As declarações e teorizações do poeta sobre poesia, música e edição são apoiadas pelos textos de Alfredo Bosi, Rollo May, Modesto Caronte, Octavio Paz, Roland Barthes, Massaud Moisés, Laura da Silveira Paula, Jorge de Souza Araújo, Emil Staiger, T. S. Eliot, Livia Barbosa e Décio Pignatari.

Observamos, neste capítulo, algumas definições dadas por Pereyr para a poesia. Segundo ele, a poesia é “o espaço de um encontro” (PEREYR, 2000, p. 22) e o acesso a esse espaço implica um estado de mistério. O poeta é, então, o sujeito que, “movido por uma inspiração ou algo equivalente, transfigura, traz esse lirismo, esse algo a mais” (PEREYR, 2010, p. 15), criando caminhos para um “salto diferente de percepção” (idem, 2010, p. 15). Os poetas trazem para o poema – unidade significativa – a poesia, ou seja, para ser poético, o poema tem que carregar “essa coisa misteriosa chamada poesia”. (PEREYR, 2010, p. 15).

Segundo Pereyr, um aspecto importante da poesia lírica, cuja raiz se encontra na música, é o ritmo. De acordo com ele, a música e o sentido surgem sempre aliados no contexto do poema lírico. O ritmo é gerador de um “clima afetivo” ao qual o leitor precisa estar afinado para compreender certos sentidos ocultos do poema. Cada palavra, no poema, ocupa uma posição estratégica, assim como os outros elementos como pausas, espaços e certos sinais de pontuação.

Ainda nesse capítulo, apresentamos os pontos de vista Roberval Pereyr sobre a sociedade contemporânea. Segundo ele, vivemos em um mundo “materialista, capitalista, estúpido e suicida” no qual o homem está simbolicamente vazio, “em seu estado diabólico” (idem, p. 14). Nesse contexto, a poesia é de vital importância, assegura Pereyr, pois ela aponta para o anticonsumismo e o anti-utilitarismo, para a reflexão sobre a realidade.

No terceiro e último capítulo, traçamos o perfil poético biográfico de Roberval Pereyr, apontando traços importantes dessa biografia poética, cujo acesso se dá por meio dos poemas. Apontamos, em quatro subtópicos (que tratam, na sequência, sobre os temas: memória, metapoesia, intertextualidade e poemas curtos), as relações desses aspectos com as ideias de Roberval Pereyr (sujeito empírico) apresentadas no segundo capítulo. Como *corpus* utilizamos alguns dos poemas que compõem o livro *110 poemas*. A obra foi escolhida por ser a mais recente do poeta e por se tratar de uma seleta de poemas feita pelo próprio Pereyr.

1 ROBERVAL PEREYR: PERCURSO ARTÍSTICO-CULTURAL

1.1. DO AUTOR

1.1.1. Formação escolar e universitária

Roberval Alves Pereira, ou Roberval Pereyr (nome artístico), nasceu na zona rural do município de Antônio Cardoso-Ba. (antiga localidade de Umburanas), em 1953. Em 1964, mudou-se para Feira de Santana, cidade na qual estudou no Colégio São Francisco de Assis, Ginásio Municipal Joselito Amorim e no Colégio Estadual de Feira de Santana.

Alfabetizado na zona rural, Roberval A. Pereira mudou-se para a zona urbana aos onze anos sem se consolidar como leitor, pois, em sua casa, a leitura não era um hábito. Nos primeiros anos na escola, já em Feira de Santana, descobriu de imediato o gosto pela língua portuguesa, quando estimulado pelas professoras Eli Queiroz (nos três anos do Ensino Médio, antigo Curso Científico) e Eneida Pitiá (os dois últimos anos do Ensino Fundamental II, antigo Ginásio) a caracterizar-se e recitar poemas dos autores canônicos.

Em entrevista concedida em 2009¹, afirma que não teve uma formação leitora por diversos motivos, como a falta de acesso a livros e revistas. Começou a se comprometer seriamente na leitura somente a partir dos quatorze anos, quando teve acesso a livros de filosofia.

Na época de escola, eu já trazia essa sede pela literatura e pela linguagem, embora o caminho para a poesia não tivesse ainda se definido. Depois de algum tempo, eu comecei a escrever poemas e isso foi se configurando, ganhando forma, muito rapidamente. E até hoje, nas antologias e seleções que faço, há entre os escolhidos poemas daquela primeira fase (PEREYR, 2009, online).

¹ PEREYR, Roberval. Entre a Racionalidade e a experimentação. [8 de janeiro de 2009]. São Paulo: Portal Cronópios. Disponível em: <<http://cronopios.com.br/site/artigos.asp?id=3737>>. Acesso em: 20 fev. 2014. Entrevista concedida a Vítor Nascimento Sá.

Ingressou no curso de Graduação em Licenciatura em Letras da Faculdade de Educação de Feira de Santana em 1974 (em 1976, a instituição viria a tornar-se a Universidade Estadual de Feira de Santana). Treze anos mais tarde, Pereyr retornou à Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS), como professor efetivo, cargo que ainda ocupa ministrando aulas de disciplinas como Teoria da Literatura e Literatura e Modernidade no Brasil, nos cursos de Graduação em Letras e de Pós-graduação em Literatura e Diversidade Cultural. Dois anos após o seu ingresso na UEFS como professor, foi aprovado no curso de Mestrado em Teoria da Literatura da Universidade Federal da Bahia (UFBA), obtendo o título de mestre em 1991 ao defender a dissertação intitulada *A unidade primordial da lírica moderna*, que foi publicada nove anos depois pela editora da UEFS, como parte integrante da Coleção Literatura e Diversidade Cultural.

As atividades acadêmicas não impediram Roberval Pereyr de prosseguir com a produção no espaço literário. Na verdade, o meio universitário foi de vital importância, já que, nas instituições por onde passou, pôde realizar oficinas, editar revistas, promover lançamentos, debates, revisar e publicar textos de professores e graduandos. Pereyr possui uma forte relação com a UEFS principalmente, instituição da qual foi aluno e é professor, e onde possui colegas de profissão que se tornaram amigos e parceiros de produção. Harmonizar múltiplas funções é, sem dúvida, um de suas aptidões, já que ele o faz de maneira natural e sistemática há mais de trinta anos. Segundo Pereyr:

Eu concilio tudo isso na perspectiva do criador. Quando eu sou professor, eu sou criador; quando sou teórico e, evidentemente, quando escrevo poesia ou ficção, também estou criando. Para mim não é difícil reunir essas atividades, pois tudo parte de uma raiz, que é a criação. A única distinção entre elas é que as linguagens se concretizam de maneiras diferentes (PEREYR, 2009, online).

Com o poeta Antonio Brasileiro, também professor da UEFS, Pereyr coordenou, no Departamento de Letras e Artes, a partir de 1994, o Núcleo de

Criação Literária, que realizou uma série de atividades, a exemplo de oficinas de criação, publicação de livros e coleções literárias e um concurso nacional de poesia (o Concurso Nacional de Poesia Universidade Estadual de Feira de Santana, que teve duas edições: uma em homenagem a Antônio Lopes, e outra homenageando Ruy Espinheira Filho). Em 1996, ingressou no Doutorado em Teoria e História Literária da Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP) e obteve, em 2000, o título de doutor, defendendo o trabalho *O desertor no deserto: a trajetória do eu na Obra reunida de Campos de Carvalho*. Não havia, nessa época, na UNICAMP, revistas literárias editadas e publicadas pelos estudantes. Pereyr, em parceria com Pablo Simpson, criou e dirigiu a revista *Duas Águas* que, apesar de não passar do primeiro número, foi uma publicação importante, pois, depois de seu lançamento, surgiram outras da mesma natureza, com destaque para a revista *Versal*, resultante de uma dissidência ocorrida no grupo que criou *Duas Águas*.

De volta à UEFS (2000), de 2003 a 2007, coordenou o projeto de pesquisa *Labirinto e enigma: o processo de criação na obra de Campos de Carvalho* e, atualmente, tem sob sua supervisão outro projeto intitulado *Maldição e inocência na Obra reunida de Campos de Carvalho*. Desde 2004, na condição de professor do Mestrado em Literatura e Diversidade Cultural (atualmente, em Estudos Literários), tem orientado dissertações e participado de bancas examinadoras na UEFS e em outras universidades.

1.1.2. Formação cultural

Ainda no Colégio Estadual de Feira de Santana, Roberval Pereira foi membro fundador do Coral do Colégio Estadual de Feira de Santana (ao lado dos colegas Wilson Pereira de Jesus e Washington Queiroz), que era regido pela professora de Língua Portuguesa e Literatura Brasileira Eli Queiroz. Posteriormente, tutelado pela professora Edi Cajueiro, cursou um semestre de violão no Seminário de Música de Feira de Santana.

Pereyr também é um dos fundadores de *Hera*, uma longa revista dedicada à poesia, com 20 números lançados entre os anos de 1972 e 2005.

Hera surgiu em torno de um grupo formado por jovens do Colégio Estadual de Faria de Santana, inicialmente sob a coordenação de Antonio Brasileiro, que era professor e trazia de Salvador as Edições Cordel, projeto editorial que publicava as revistas *Cordel* e *Serial*.

Vale salientar que entre as atividades do grupo (que logo passou a chamar-se Grupo Hera) estavam reuniões periódicas (sobretudo às quintas-feiras) na casa de Antonio Brasileiro, nas quais os participantes podiam discutir literatura e filosofia, mostrar os seus escritos, tomar um vinho, dar e receber sugestões literárias de seus colegas. Como diz Washington Queiroz, “estudar filosofia, ouvir música e tocar flauta e violão, ou apenas conversar e comer cuscuz” (2009, 161).

Os três primeiros números de Hera foram dedicados a textos ficcionais em prosa, pequenos contos. Na primeira edição, além de Roberval Pereira (só usaria o sobrenome artístico em 1973), publicaram outros quatro jovens: Washington Queiroz, Roque Portela, Antonio Carlos Vilas Boas e Wilson Pereira. Sobre este assunto, afirma, em depoimento, Juraci Dórea, também integrante do Grupo Hera:

A partir do número 4, *Hera* passou a editar exclusivamente poesia. Publicaram nessa nova versão da revista, que saiu em junho de 1974, os seguintes poetas: Iderval Miranda, Luís Pimentel, Piter (Carlos Pitta), Gastão Correia, Edmundo Carôso, Valverde (Luiz Antonio de Carvalho Valverde), Roberval Pereyr (Roberval Pereira), Wilson Allende (Wilson Pereira de Jesus), Washington Queiroz e César Ubaldo (DÓREA, 2009, p. 171).

Com essa mudança, da prosa para a poesia lírica, a revista Hera começou a exercer uma força maior, pois a quantidade de pessoas que se juntaram ao grupo aumentou significativamente. Cerca de sessenta dos exatos cem escritores que fizeram parte da história da revista, nela publicaram seus primeiros trabalhos. Roberval Pereyr tinha, ao lado de Brasileiro e de outros membros, a missão de selecionar o melhor de cada poeta, estreante ao não. Além de apurar o rigor estético, ele pôde ganhar experiência na área editorial,

familiarizar-se com a tipografia e exercitar a diagramação. Das vinte edições da Hera, Pereyr dirigiu dezessete, quase sempre em parceria (e muitas vezes submetendo o material selecionado a um grupo maior de participantes do grupo), e foi o único membro a publicar em todas as edições da revista. Segundo Juraci Dórea: “A direção da revista era em geral responsável pela seleção e por todo processo de edição. Nesse sentido, merece destaque o trabalho de Roberval Pereyr, a partir do número 3, e de Antonio Brasileiro, como diretores e como lideranças da revista” (DOREA, 2009, p. 175).

Nos primeiros anos da década de 1970, Roberval adotou o nome artístico pelo qual é conhecido até hoje nos meios literários: Roberval Pereyr. A alcunha foi usada inicialmente, com a primeira inicial abreviada (R. Pereyr), em duas publicações: *HERA n° 3* (1973) e o livro *Iniciação ao estudo do um* (1973), publicado em parceria com Antonio Brasileiro.

1.1.3. Liderança e Produção Cultural

Ainda na juventude, Roberval descobriu também a vocação para agitador cultural, engajando-se em diversos eventos em Feira de Santana. Quando ingressou, em 1974, no curso de Graduação em Licenciatura em Letras da Faculdade de Educação de Feira de Santana, que funcionava onde hoje é o Centro Universitário de Cultura e Arte (CUCA), dirigiu o Diretório Acadêmico com Antônio Gabriel Evangelista de Souza, também poeta e atualmente professor da UEFS, realizando uma série de atividades artísticas. Essas atividades incluíam recitais, apresentações musicais e cênicas, que envolviam um grupo de artistas que emergiam na comunidade acadêmica e também fora dela.

Como diretor da Revista Hera, colaborou para o surgimento de vários poetas jovens, muitos deles inéditos, com o acompanhamento e a publicação de seus escritos. Esse trabalho prosseguiu no decorrer dos anos. Na UEFS, Pereyr mantém-se como um descobridor de talentos, selecionando e editando livros teóricos e literários produzidos principalmente por estudantes. Professores

da instituição e antigos membros da Hera também confiam a Pereyr seus originais que são, principalmente nos últimos anos, publicados pelo selo alternativo Tulle, por ele criado e coordenado.

Roberval Pereyr idealizou a Oficina de Criação Literária que ocorre todos os anos na Feira do Livro da UEFS – Festival Literário e Cultural de Feira de Santana, sempre presidida pelo poeta e jornalista Luis Pimentel, também membro do Grupo Hera. A coletânea *Prosa & Verso*, livreto com textos produzidos pelos participantes dessa oficina, tem Pereyr como seu idealizador e organizador.

1.1.4. Militância sociocultural

Na década de 70, Roberval Pereyr foi presidente do Centro de Estudos do Menor de Feira de Santana (CEM), órgão que assistia menores carentes e abandonados, conveniado à UNICEF (sigla, em inglês para Fundo das Nações Unidas para a Infância) e ligado à Fundação Nacional do Bem-estar do Menor (FUNABEM). No CEM, Pereyr exercitou a capacidade de liderança, além de conduzir uma série de atividades internas muito importantes na época.

Observando a carência de um espaço de convivência, interação e discussão, Roberval Pereyr fundou – em parceria com Welington Freire e Joaquim Gama de Carvalho – o Sebo Tulle, que há 10 anos, apresenta-se como pequeno espaço reservado à venda de livros usados, localizado na frente do Departamento de Letras e Artes, tendo como objetivo inicial oferecer à comunidade acadêmica a oportunidade de adquirir obras literárias e livros diversos a preços populares. Posteriormente, surgiu a Editora Tulle (2006), um selo alternativo, sem registro e sem fins lucrativos, que publica produções literárias e teóricas de estudantes e professores. Já foram editados, de lá para cá, sob a supervisão de Pereyr, os seguintes títulos:

- A Expedição e a Guerra (Wellington Freire/Ensaio);
- A natureza da poesia (Jessé de Almeida Primo/Ensaio);
- Borges e Bioy (Rodrigo Lobo Damasceno/Ensaio);

- Só Sobreviventes (Georgio Silva, Paulo André e Thiago Lins/Poesia);
- Acordes (Roberval Pereyr/Poesia);
- Um elefante no telhado (Edmundo Carôso/Poesia);
- Antologia Poética (Iderval Miranda/Poesia);
- Trovar Tardio (Rodrigo Lobo Damasceno/Ensaio);
- Antologia Poética (Luís Pimentel/Poesia);
- Debuxos (Cristina Mascarenhas/Poesia);
- Então (Iderval Miranda/Poesia).
- Inegociável (George Lima/Arte)

O Sebo Tulle foi convidado para montar seus stands na primeira e na segunda edições da Feira do Livro – Festival Cultural e Literário de Feira de Santana. A partir da terceira edição do evento, Roberval Pereyr passou a integrar a Comissão Organizadora, função que exerce até hoje, ficando com a incumbência de coordenar o evento *O Escritor e a Feira*, que promove palestras, mesas-redondas, oficinas, publicações, recitais e lançamento de livros, contando com a participação de professores, críticos literários e escritores baianos e de outros estados.

1.1.5. Prêmios e homenagens

Desde os anos de 1970, a carreira literária de Roberval Pereyr tem sido marcada por diversas premiações. O reconhecimento de sua obra rendeu-lhe prêmios em dinheiro e publicações em livros. Além das congratulações, Pereyr coleciona diversas indicações como, por exemplo, ao Prêmio Portugal Telecom, em 2013.

. Segue abaixo, a lista dos concursos literários vencidos pelo autor:

- II Concurso de Poesia de Mangaratiba (1974);
- I Concurso de Prosa e Verso (Vitória da Conquista)- categoria poesia (1978);

- Concurso de Contos e Estórias Infantis Ano Internacional da Criança (1979);
- Prêmio Literário Universidade Federal da Bahia (1983);
- Concurso de Poesia FEIRART (1990);
- Prêmio Caetano Veloso de Poesia – Poemas Fora da Ordem (1993);
- Mapa Cultural Paulista (1996) – Região de Campinas (conto e poesia).
- II Festival Universitário de Literatura - Categoria Poesia com o livro Saguão de Mitos (1998);
- Prêmio Braskem Academia de Letras da Bahia (Poesia, 2011);
- 2º. Prêmio Brasília de Literatura (2014).

O prêmio da Academia de Letras da Bahia, ao lado do 2º. Prêmio Brasília de Literatura, foi talvez o mais importante da carreira de Roberval Pereyr. A cerimônia de premiação aconteceu no dia 22 de março de 2011 e contou com as entregas de uma placa de certificação e de um prêmio em dinheiro, que recebeu das mãos do poeta e acadêmico Ruy Espinheira Filho (um dos membros da comissão julgadora) e de Emanuel Lacerda (gerente de relações institucionais da Braskem) respectivamente. Na oportunidade, Aleilton Fonseca, em seu discurso, ressaltou a importância do prêmio, e, ao final, ocorreu uma musical de Carol Pereyr.

Em 2013, dois eventos culturais foram promovidos para comemorar aniversário de Roberval Pereyr, que completou 60 anos. O primeiro foi o concerto *Amálgama: Nas praias do avesso*, realizado no dia 01 de dezembro, no CUCA. Na ocasião, as filhas do poeta, Carol Pereyr, Camila Gonçalves e Verena Pereira, interpretaram canções que se intercalaram com poemas recitados por Ederval Fernandes e Arailton Públio. Outros dois filhos de Pereyr, Tito Pereira e Luca Pereira, tocaram piano e violão respectivamente, acompanhando irretocavelmente a voz das irmãs.

O segundo evento em comemoração aos 60 anos de Pereyr, foi a 2ª edição do *Projeto Santo da Casa*, organizado pela professora Alana de Oliveira Freitas El Fahl, da UEFS, e ocorreu no dia 10 de dezembro de 2013 na Sala de

Reuniões do Prédio da Pós-Graduação em Letras e Educação da UEFS. A programação contou com duas mesas: *O poeta e seus leitores*, no qual os professores Idmar Boaventura, Francisco Ferreira e Évila Santana falaram sobre a vida e a obra do poeta; e *O homem e seus amigos*, com a presença de Antonio Brasileiro, Leni David, Antônio Gabriel e Juraci Dórea. Este exibiu uma série de fotografias que ilustravam a trajetória de Pereyr como acadêmico, artista e amigo. Ao final, Tito Pereira e seus irmãos fizeram nova homenagem ao pai.

1.2. DA OBRA

1.2.1. Poesia

O primeiro livro de poesia de Roberval Pereyr, em parceria com Antonio Brasileiro, *Iniciação ao estudo do nu* (1973), e o segundo, *Cantos de sagitário* (1976), foram lançados pelas Edições Cordel. Cinco anos depois, o poeta publicou o livro *As roupas do nu*, lançado pela Fundação Cultural do Estado da Bahia, que Pereyr considera como o marco inicial de sua carreira, por se tratar de um livro mais representativo e com um número maior de poemas.

O primeiro livro de maior importância que fiz foi *As Roupas do Nu*. Antes dele, no início da década de 70, lancei *Iniciação ao Estudo do Nu* – em parceria com Antônio Brasileiro – e em 76, *Cantos de Sagitário*. Mas realmente foi em 1981, com *As Roupas do Nu*, que publiquei o que pode ser considerado o início da minha carreira, por ser um livro maior e mais representativo (PEREYR, 2009, online).

A obra poética de Roberval Pereyr tem como uma de suas características a preocupação formal e seleção rigorosa de trabalhos. Por isso seus livros são, geralmente, compostos por poucos poemas. Aliás, Pereyr tem uma preocupação muito grande com quase todas as etapas de produção de seus livros, da seleção de poemas até, por ocasiões, a impressão e o

acabamento. Essa procura pela excelência (mesmo quando publicando pela sua editora, com produzidos de maneira artesanal por Edson Machado, diretor do Museu de Arte Contemporânea de Feira de Santana), acabou se tornando uma das qualidades de seus livros.

Segue abaixo a lista dos doze livros de poesia publicados por Pereyr e a reprodução das respectivas capas:

- Iniciação ao estudo do um (1973);
- Cantos de sagitário (1976);
- As roupas do nu (1981);
- Ocidentais (1987)
- O súbito cenário (1996);
- Concerto de Ilhas (1997);
- Saguão de Mitos (1998);
- Amálgama: uma pequena antologia (2000);
- Amálgama: Nas praias do avesso e poesia anterior (2004);
- Acordes (2010);
- *Mirantes* (2012);
- *101 poemas* (2013).

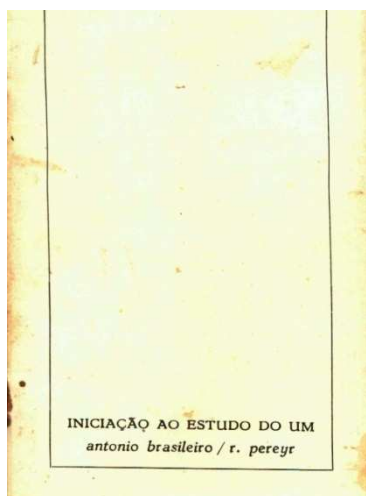


Figura I: Capa.
Fonte: *Iniciação ao Estudo do I*, 1973, Edições Cordel.

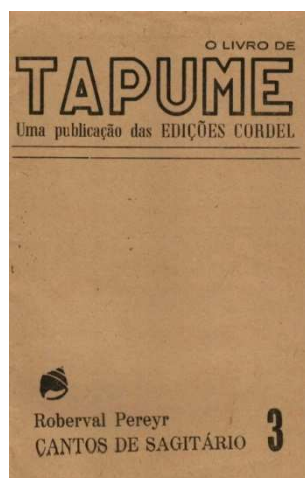


Figura II: Capa.
Fonte: *Cantos de Sagitário*, 1976, Edições Cordel.

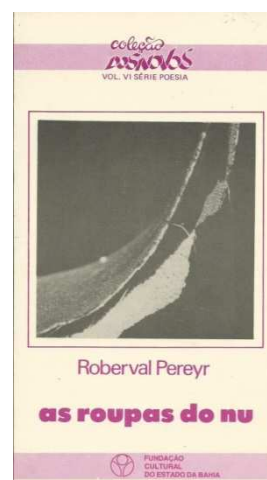


Figura III: Capa.
Fonte: *As roupas do nu*, 1981, Fundação Cultural do Estado da Bahia.

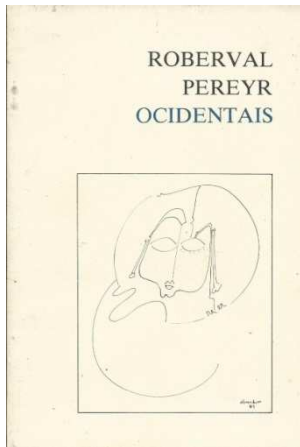


Figura I: Capa.
Fonte: *Ocidentais*,
1987, Edições Cordel.



Figura V: Capa.
Fonte: *O Súbito Cenário*,
1996, Edições Cordel.

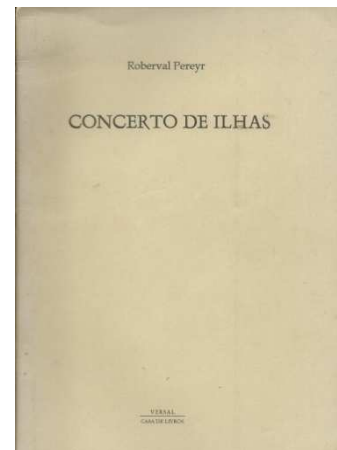


Figura VI: Capa.
Fonte: *Concerto de Ilhas*, 1998, Versal Casa de Livros.

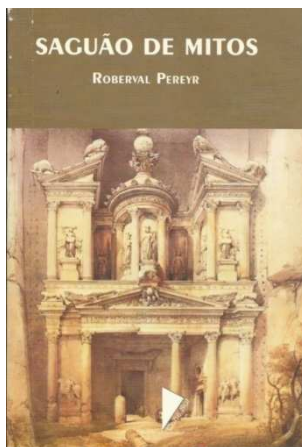


Figura VII: Capa.
Fonte: *Saguão de Mitos*, 1998, Cone Sul.

ROBERVAL PEREYR
AMÁLGAMA



Figura VIII: Capa.
Fonte: *Amalgama*,
2003, Edições Cordel.

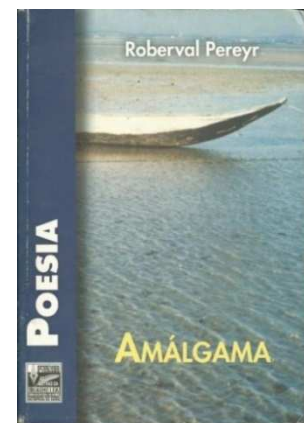


Figura IX: Capa.
Fonte: *Amalgama: Nas praias do avesso e poesia anterior*, 2004, Secretaria da Cultura e Turismo.

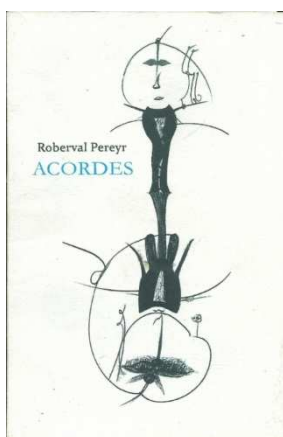


Figura X: Capa.
Fonte: *Acordes*,
2009, Tulle.

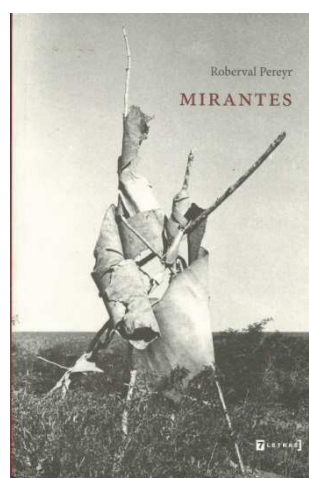


Figura XI: Capa.
Fonte: *Mirantes*, 2012,
7letras.

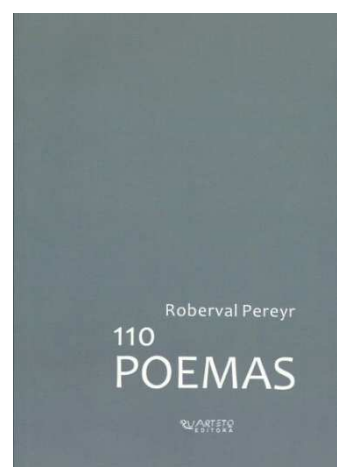


Figura XII: Capa.
Fonte: *110 Poemas*,
2014, Quarteto Editora.

Pereyr tem também textos publicados nas seguintes antologias nacionais e internacionais:

- *Poesia latino-americana* (Buenos Aires, 1976);
- *Antologia - I Concurso Nacional de Poesia Vinicius de Moraes* (1984);
- *Antologia da Nova Poesia Brasileira* (1992), organização, seleção e notas de Olga Savary;
- *Poemas fora da ordem* (1993), oriundo do Concurso Nacional: Prêmio Caetano Veloso de Poesia.
- *Oitenta: Prosa & Poesia* (1996), organizada por Aleilton Fonseca e Carlos Ribeiro;
- *A Poesia Baiana no Século XX (antologia)* (1999), com organização, introdução e notas de Assis Brasil;
- *Voix coisées: Brésil – France* (2006), antologia reunindo poetas da Bahia e de Marseille;
- *Traversées/Travessias* (2008), antologia bilíngue (francês/português) organizada por Danielle Forget e Humberto de Oliveira;
- *Roteiro da poesia brasileira anos 80* (2010), com seleção e prefácio de Ricardo Vieira de Lima;
- *Traversée D'Océans/Travessia de Oceanos: Voix poétiques de Bretagne et de Bahia/Vozes poéticas da Bretanha e da Bahia* (2012), antologia bilíngue (francês/português) traduzida e organizada por Dominique Stoenesco, com seleção de Aleilton Fonseca (Bahia) e Jean-Albert Guénégan (Bretagne);
- *Autores Baianos: um Panorama* (2013).

Autores Baianos: um Panorama foi destas a publicação conjunta mais importante, já que reuniu textos dos autores mais representativos da Bahia na atualidade, em edição trilingue (inglês, espanhol e alemão), e foi lançado na edição de 2013 da Feira do Livro de Frankfurt (Frankfurter Buchmesse, em alemão), maior evento editorial do mundo.

1.2.2. Prosa literária

A primeira experiência de Roberval Pereyr com prosa foi por volta dos catorze anos de idade, quando, em parceria com um vizinho e amigo (de prenome Adil Zaredim), iniciou a escrita de um romance de aventura amorosa, cuja história ocorria em alto mar. No entanto,

Depois de três ou quatro capítulos, a aventura foi inexplicavelmente interrompida, tendo deixado a história suspensa, quando poderíamos pelo menos tê-la encerrado, mediante, por exemplo, um naufrágio. (PEREYR, 2008, p. 11).

Novas incursões na prosa, especialmente com pequenos contos, aconteceram posteriormente. Na Revista Hera (que, como já dissemos, começou como uma publicação exclusivamente de prosa), Pereyr publicou os seguintes contos:

- João (Hera Nº 1);
- Cabeças em Questão (Hera Nº 2);
- Confissões de um louco (Hera Nº 3);
- Resolução (Hera Nº 3).

Pereyr também publicou contos curtos nas revistas *O Lixo* (1980-1985) e *Usina* (Nº 2, 1996, o conto *O Impreciso limite*). Possui ainda novelas e romances inéditos.

1.2.3. Periódicos e coleções

Roberval Pereyr foi responsável por criar diversos selos e coleções literários em Feira de Santana. Em 1981, à frente da Secretaria de Cultura e Turismo de Feira de Santana, criou a *Coleção Olho D'Água*, que publicou livros dos escritores: Cremildo Souza, Hélio Pôrto, Jorge Magalhães, Nildecy de

Miranda e Trazíbulos Henrique Pardo Casas. Pereyr criou também a *Coleção Bocapio*, oriunda da Oficina de Criação Literária da UEFS (da qual já falamos anteriormente), que coordenava com Antonio Brasileiro, na qual foram publicadas duas antologias e um livro individual: *Rua dos Espelhos*, da poetisa Anne Cerqueira.

De 1995 a 1996, Roberval Pereyr coordenou, ao lado de Antonio Brasileiro, a coletânea *Sete Faces*, que trazia, conforme informa o título, sete novas vozes de poetas residentes em Feira de Santana. Em 2000, coordenou a coleção *Aldebarã*, no Museu de Arte Contemporânea de Feira de Santana, pela qual foram publicados diversos autores, dentre os quais Telma Siqueira e Rubens Edson Alves Pereira.

Em 2004, pelas Edições Cordel, Roberval Pereyr coordenou (em parceria com Trazíbulos Henrique Pardo Casas, Antonio Brasileiro e Salete Aguiar) a coleção *Beijo de Jegue Não é Arroz Doce*. No ano seguinte, pela editora alternativa *Estrada* (também criada por Pereyr), foi lançado o livro *Noite Clara*, de Irma Amorim.

1.2.4. Teoria e Crítica

Em 2000, Pereyr publicou “A unidade primordial da lírica moderna”, pela editora da UEFS, como parte integrante da Coleção Literatura e Diversidade Cultural. O livro foi fruto de sua dissertação de mestrado, defendida em 1991. Na obra, de cunho teórico-filosófico, Pereyr discorre sobre o fazer poético, valendo-se, em diversas passagens, do seu olhar de poeta que, aliás, está presente em todos os seus textos acadêmicos, ou seja, há sempre uma interação entre a teoria e a experiência pessoal como escritor.

Além de “A unidade primordial da lírica moderna”, Pereyr publicou os seguintes textos em revistas e jornais especializados:

- Natureza da Lírica (Sitientibus. Revista da Universidade Estadual de Feira de Santana, 1987);

- Caeiro, naturalmente (Sitientibus. Revista da Universidade Estadual de Feira de Santana, 1995);
- Mercado e culturalismo versus poesia. (Latitudes, 1997);
- O eu poético e a fusão dos opostos em Jorge de Lima (Légua & Meia, 2001).

Pereyr também escreveu textos para livros de outros poetas e artistas baianos. A saber:

- *Caminhos* (1986), de Uaçai de Magalhães Lopes – prefácio;
- *A Estética da Sinceridade* (1987), de Antonio Brasileiro – texto de orelha;
- A coletânea *Sete Faces* (1996) – texto de quarta capa;
- *Canção dos Corações Foragidos* (1998), de Araylton Públio – texto de apresentação;
- A verdade, o tempo e outras mentiras (2005), de Outran Borges – apresentação.

1.2.5. Letras de música

Dinâmico, Roberval Pereyr passeia por outros gêneros artísticos, não se atendo apenas à literatura, embora seja esse o foco principal da sua obra. No final da década de 70, começou a participar, como compositor, de diversos festivais de música. Mais tarde, em parceria com seu filho, Tito Pereira, foi classificado em seis edições do festival de música da Rádio Educadora da Bahia. No início dos anos 2000, em sociedade com sua filha, a cantora e compositora Carol Pereyr, e com o cantor e compositor Márcio Pazim, alcançou destaque nos mais importantes festivais do país, como o Prêmio Visa de Música Brasileira.

O trabalho de Marcio Pazim e Carol, com a minha participação na composição, ajuda sim a dar muito mais visibilidade à minha poesia. Até porque eles já conseguiram ser classificados e premiados em alguns festivais e isso implica em uma divulgação melhor das músicas em rádios, em jornais... Então

isso propaga melhor a minha poesia. E as duas coisas andam juntas, porque a poesia, lá nas suas raízes, era cantada e acompanhada com a lira, portanto esse reencontro da poesia com a música é, em certo sentido, uma volta às origens. (PEREYR, online)

Marcio Pazim e Carol Pereyr lançaram, em 2005, o álbum “Mirante” com as seguintes participações de Roberval Pereyr:

- *Galope;*
- *Condição;*
- *Itinerário de um Orpheu;*
- *Calmaria;*
- *Tempo;*
- *Três por quatro;*
- *Enigma;*
- *Poema.*

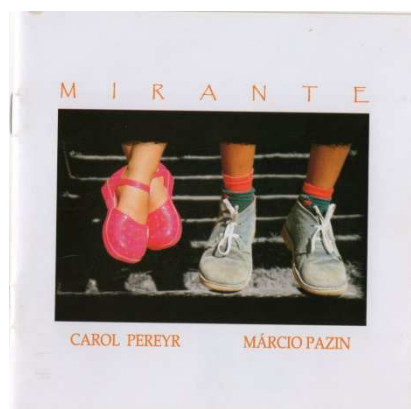


Figura XIII: Capa.
Fonte: *Mirante*, 2005,
independente.

Em 2009, Pazim e Carol Pereyr lançaram o álbum *Morada*, que conta com a canção *Convite*, em parceria com Roberval Pereyr, além de três poemas que foram musicados:

- *Encruzilhada;*
- *Morada;*
- *História.*



Figura XIV: Capa.
Fonte: *Morada*, 2009,
independente.

1.2.6. Artes plásticas

Nas artes plásticas, foi integrante de diversos projetos coletivos, como o “Chocalho de Cabra”, no qual diversos artistas pintaram muros de escolas e outros espaços em vários municípios da região de Feira de Santana. Na UEFS, participou de várias intervenções ao lado de artistas feirenses como Juraci Dórea. Possui também uma série de desenhos inédita, além da ilustração na capa do livro *Acordes*.

1.3. SOBRE O AUTOR

1.3.1. Fortuna Crítica

A Obra de Roberval Pereyr também tem ganhado relevância entre os acadêmicos e estudiosos de literatura. Sua obra foi estudada nas mais importantes universidades da Bahia e resenhada por importantes nomes da literatura e da crítica baiana e brasileira. Foi tema de:

- Dois artigos publicados em revistas especializadas:
 1. VALVERDE, Luiz Antonio de Carvalho. De Baudelaire a Drummond, em meio às flores do sertão, temos poesia: Uma

- leitura dos poetas da geração 70, de Feira de Santana, frente à lógica centro-periferia. *Odisséia*, v. 8, nº 1, p. 5-11, 1994;
- 2.SIMPSON, Pablo. Arcanos & Exílio na poesia de M^a L. Alvim e Roberval Pereyr. *Léguas & meia*, v. 3, nº 2, p. 220-228, 2004;
- Um ensaio publicado em livro: BASTOS, Nildecy de Miranda. Poliédrico e Mutante, como os eventos pós-modernos (Movimentos migratórios de Roberval Pereyr). In: FONSECA, Aleilton. (Org.). *O Olhar de Castro Alves: Ensaios Críticos de Literatura Baiana*. Salvador: Assembléia Legislativa do Estado da Bahia, Academia de Letras da Bahia, 2008. p. 405-412;
 - Um comentário publicado em livro (edição bilíngue): COPPENS, Patrick. Roberval Pereyr ou “verdade de ser” / Roberval Pereyr ou « *lavérité d’être* ». In: FORGET, Daniele; OLIVEIRA, Humberto de. (Org.). *Traversées/Travessias*. Québec: Éditions Adage, 2008. p. 66;
 - Comunicações/apresentações de trabalhos em eventos acadêmicos:
 - 1.CRUZ, S. O. da ; TELLES, L. G. *Roberval Pereyr em dicção Lírica e Teórica*. In: XXVII Seminário Estudantil de Pesquisa/ IX Seminário de pesquisa e Pós-graduação, Salvador, 2008.
 - 2.MAGALHÃES, E. L. O.; TELLES, L. G.. *Roberval Pereyr: Dimensionamento e configuração do lirismo moderno*. In: VI Colóquio Castro Alves, Salvador, 2010;
 - 3.SANTOS, Y. S.; TELLES, L. G.. *Incursões Mitológicas na Lírica de Roberval Pereyr*. In: SEPESQ – Seminário Estudantil de Pesquisa do Instituto de Letras, Salvador, 2011;
 - 4.SOUZA, Ricardo Thadeu Guimarães. *Um pé no prego sujo da verdade: Resistência e Tensão na obra poética de Roberval Pereyr*. In: XI Seminário de Literatura e Diversidade Cultural – Leitura, Literatura e outras artes, Feira de Santana, 2012.
 - Um artigo publicado em livro: RAMOS, Ísis Moraes. Anônimo no corpo ulcerado da urbe: a condição do poeta moderno na lírica de Roberval Pereyr. In: FONSECA, Aleilton; PATRÍCIO, Rosana.

(Org.). *Cantos & recantos da cidade*: vozes do lirismo urbano. Itabuna: Via Litterarum, 2009. p 9-49.

- Uma dissertação de mestrado defendida (publicada, posteriormente, em livro):
 1. BOA VENTURA, Idmar. *O homem e seus duplos: a reflexividade do sujeito na poesia de Roberval Pereyr*. 2007. 66 f. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-graduação em Literatura e Diversidade Cultural, Universidade Estadual de Feira de Santana, Feira de Santana, 2007.
 2. BOAVENTURA, Idmar. *Dissonâncias diante do espelho: o lugar do sujeito na poética da alta modernidade*. Feira de Santana: UEFS editora, 2011;
- Uma tese de doutorado defendida: BASTOS, Nildecy de Miranda. *Roberval Pereyr em suas faces e interfaces*. 2009. Tese (Doutorado) – Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2009;
- Uma tese de doutorado em andamento: JÚNIOR, José Rosa dos Santos. *Fragmento e ruptura: elementos configuradores da unidade primordial da lírica moderna em Manoel de Barros e Roberval Pereyr*. Tese (Doutorado) – Programa de Pós-graduação em Literatura e Cultura, Universidade Federal da Bahia, Salvador.
- Um ensaio publicado em jornal de grande circulação e posteriormente em livro: PAES, José Paulo. Boletim de Saúde. In: *O lugar do outro: ensaios*. Rio de Janeiro: Topbooks, 1999.

Discorreremos, a seguir, sobre as principais linhas de estudos sobre a obra deste poeta baiano.

1.3.2 Tópicos ou linhas de leitura mais comuns

As principais linhas de leituras sobre a obra de Roberval Pereyr perpassam o alinhamento à tradição poética ocidental e, por conseguinte,

características que lhe são inerentes, como a busca de um “Eu” por distintas faces, numa espécie de jornada de autoconhecimento.

A respeito do alinhamento à tradição, afirma José Paulo Paes:

(...) a poesia de Pereyr é uma poesia eminentemente de ideias e como tal se inscreve, ainda que em compasso minimalista, naquela tradição meditativa que, em língua portuguesa, se prolonga do Camões de “Sôbolos rios” ao Pessoa de “A Tabacaria” e ao Drummond de “A máquina do mundo” (1999, p. 111).

Assim, Paes coloca a produção de Roberval Pereyr entre grandes nomes, apontando a tradição na qual a poesia do poeta baiano se insere, com destaque para a modernidade. O autor ressalta, contudo, a feição minimalista da poesia de Pereyr. Os poemas que compõem os dois livros por ele analisados (*Ocidentais* e *O Súbito cenário*) são curtos, no tamanho, não no sentido, ou seja, neles “o epigramático” atua “em regime de condensação, não de rarefação de sentido” (PAES, 1999, p. 111). O pequeno tamanho de alguns dos poemas de Roberval Pereyr denuncia também o cuidado formal que tem o poeta, que procura dizer o essencial, utilizando paralelismos sonoros “para amarrar as ideias mais solidamente entre si, por nexos de consequência ou de oposição” (PAES, 1999, p. 111).

Outro tema flagrado por Paes, no poema “O degredo”, é o da terra devastada, que remete à “Terra Desolada” de Eliot. Segundo o crítico, Pereyr revisita esse tema de maneira própria, “através de uma hábil combinatória de elementos repetitivos ligados por elos de dissonância” (PAES, 1999, p. 112).

Esse tema é também tratado por Pablo Simpson, em artigo intitulado *Arcanos & Exílio na poesia de M^a L. Alvim e Roberval Pereyr*. Simpson analisa alguns poemas dos dois autores, aproximando-os, a partir da análise das manifestações do exílio. Segundo Simpson, em análise do poema “Da Eterna Peleja” do livro *Ocidentais*, Pereyr recorre a uma eloquência, que encontra correspondência na clareza verbal, sem quebras, e reproduz “as duplicidades do ‘eu’ e manifestações de seu exílio” (1987, p. 224).

Ísis Moraes Ramos publicou o artigo *Anônimo no corpo ulcerado da urbe: a condição do poeta moderno na lírica de Roberval Pereyr*, no qual resgata em Baudelaire a origem da noção de “modernidade”. Para tanto, explana sobre as profundas mudanças ocorridas na sociedade, no século XVIII, provocadas pela revolução industrial, para indicar a posição do poeta diante dos grandes centros urbanos. O caminho aberto por Baudelaire, poeta que mais incorporou esse espírito de mudança, é seguido por outros poetas até a contemporaneidade. Para Ramos, Pereyr atualiza a ideia do *flâneur* para falar sobre a condição de um sujeito que, transitando no espaço urbano, depara com espectros da deterioração do humano.

Seguindo as sendas abertas por Baudelaire, muitos escritores, ao longo do século XX, se entregaram ao ofício de desvendar o enigma da cidade moderna. Na contemporaneidade, época em que se acirram os conflitos e rasuras suscitados pela dessacralização empreendida pela modernidade, um deles, o baiano Roberval Pereyr, funda um *eu-lírico* que utiliza a condição de *flâneur*, O Andarilho (PEREYR, 2004, p. 25) inaugurado pelo poeta francês, para recolher os estilhaços do corpo social urbano e criar, a partir deles, sua cidade de papel, uma necrópole vigiada por mortes simbólicas e reais, permanentemente assombrada pelo fantasma da degradação humana. (RAMOS, 2009, p. 24).

Nildecy De Miranda Bastos defendeu em 2009, na Universidade Federal da Bahia, a tese de doutorado intitulada *Roberval Pereyr em suas Faces e Interfaces*. Bastos discorre sobre a poesia de Roberval Pereyr, dando ênfase a certos aspectos temáticos e característicos de sua obra poética, como: a fragmentação do sujeito moderno, “a origem perdida” e a “poesia enquanto linguagem capaz de re-unir os polos fraturados do homem, dentro desse mundo dessacralizado em que a divindade suprema passa a ser a razão” (BASTOS, 2009, p. 30).

Para a autora, a poesia de Pereyr, possuidora

de um lirismo desconcertante, recorre a traços do pessimismo romântico, expresso, às vezes, numa subjetividade sombria, quando retoma temas como a morte, o medo, o tempo. Não se

trata de um pessimismo psicológico, pessoal, mas filosófico, existencial, gestado a partir de uma compreensão do homem como nó de forças em tensão e que busca equilíbrio no entrelaçamento de opostos. Esse entrelaçamento comporta inconformismo e destrutividade em tensão, a partir de uma visão dinâmica, que denuncia e de que tem esperança (BASTOS, 2009, p. 32).

Nildecy De Miranda Bastos ratifica, então, aquilo que disse José Paulo Paes: a poesia de Pereyr é uma poesia de ideias. E ela enumera as ideias que julga como principais: o pessimismo filosófico e existencial e a compreensão do homem como o ponto de encontro e de confronto entre forças opostas.

Já Luiz Antonio de Carvalho Valverde, professor e pesquisador da Universidade do Estado da Bahia, possui um artigo, publicado na revista *Odisseia da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN)*, intitulado *De Baudelaire a Drummond, em meio às flores do sertão, temos poesia: Uma leitura dos poetas da geração 70, de Feira de Santana, frente à lógica centro-periferia*, no qual fala da poesia de Roberval no âmbito dos anos 70. Segundo ele:

A poesia de Roberval Pereyr, também, trai esse magnetismo da cultura eurocêntrica, a sua importância referencial, presença que se torna íntima, a partir mesmo do momento em que falamos uma das línguas de ascendência latina, aportando formas de pensar e dizer o mundo. (VALVERDE, 2012, p. 8).

Valverde fala sobre a poesia produzida na década de 70, ressaltando que a obra de Pereyr, diferentemente daquela produzida por poetas contemporâneos, chamados de “marginais”, possui certo rigor estético e predileção pelo conteúdo filosófico (pessimismo existencial, por exemplo) procedente da leitura de autores clássicos. A formação cultural de Pereyr, no Grupo Hera e mesmo dentro das universidades, tem forte influência neste sentido.

Idmar Boaventura, em seu livro “Dissonâncias diante do espelho: o lugar do sujeito na poética da alta modernidade”, afirma que a poética de

Roberval Pereyr incorpora o fragmentarismo, oriundo do mundo moderno e fragmentário, para superá-lo através do inconsciente e da luta travada contra o ego.

Sua poesia assume o fragmentarismo (na forma, na dissonância das imagens e do ritmo, na temática) e a partir dele desafia a razão, apelando para estratos mais profundos da consciência. Daí as constantes referências ao sonho, aos inconsciente, e suas investidas contra o ego, visto, muitas vezes, como lugar de morte (BOAVENTURA, 2011, p. 97).

Desta forma, podemos observar que a produção de Roberval Pereyr em discussão, vem sendo fruto de diversos estudos, o que comprova a complexidade inerente à sua obra. Muito distante de serem trabalhos repetitivos, são visões diferentes de estudiosos que se dedicam a descobrir as nuances de uma produção poética multifacetada. A poética de Pereyr é fruto de inúmeras influências, porém possuidora de características que a insere no rol das mais importantes produções literárias da contemporaneidade. Características que a torna única e que a fazem desfilar pelo labiríntico caminho da poesia com a maestria de quem sabe em que solo está pisando. A firmeza da poética de Pereyr reside exatamente no fato de o autor compreender que vivemos em solo sempre movediço, no qual a certeza que se tem é a de que vivemos uma incerteza constante.

2. CRIAÇÃO E REFLEXÃO: PROCESSOS COMPLEMENTARES NA OBRA DE ROBERVAL PEREYR

2.1 ROBERVAL PEREYR E O UNIVERSO DA ARTE

O trabalho poético e o trabalho teórico de Roberval Pereyr possuem dois pontos em comum: a concisão de linguagem e a riqueza de reflexões. Essas duas vertentes de atuação, aliás, encontram-se tão intimamente ligadas

que, para fazer uma análise aprofundada da obra de Pereyr, uma das leituras que consideramos basilares é *A unidade primordial da lírica moderna*, livro que foi, como já dissemos, fruto da dissertação de mestrado do poeta. Nela, mais do que uma reflexão teórica, Pereyr faz uma reflexão filosófica, demonstrando conhecimento profundo da tradição poética ocidental e falando a partir de sua experiência pessoal com a poesia.

Ao considerarmos o que diz Pereyr sobre a poesia, no seu livro teórico e em entrevistas concedidas ao longo de sua carreira, percebemos que a sua experiência como artista está sempre em primeiro plano, por mais que o resgate teórico seja feito quando é conveniente. Em se tratando de poesia, a sua especialidade, Pereyr destaca dois pontos que são capitais para o artista: a familiaridade com língua na qual escreve e o conhecimento da tradição.

Para Roberval Pereyr, conhecer a tradição é imprescindível, ou para que o artista possa se situar e, posteriormente, essa tradição se converta, de maneira positiva, em influência; ou para que a tradição seja rechaçada pelo poeta, em direção a novos parâmetros artísticos. Em entrevista concedida à TV Senado², Pereyr afirmou:

Todo artista está inserido em uma tradição e ele não pode ignorar isso de maneira nenhuma. Se não, ele vai fazer, como diz Octavio Paz, “metralhar cadáveres”, ou então “arrombar portas abertas” (acho que foi Afrânio Coutinho que disse isso). O artista, inserido nessa tradição, ele não pode ser um ignorante, ele não pode dizer que não conhece a tradição. Ele não pode sequer fazer o charme de dizer isso, porque soa muito mal. Essa relação com a tradição não é só uma relação de estudo, é uma relação de vivência profunda, de identificações e de não identificações também. E essa tradição está aí exatamente para nos influenciar, para a gente dialogar profundamente com ela, receber as influências e assimilá-las de tal modo que elas desapareçam e reapareçam incorporadas e já com uma feição singularizada. (PEREYR, 2013)

² PEREYR, Roberval. Entre a Racionalidade e a experimentação. [31 de setembro de 2013]. Brasília: TV Senado. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=q-Bf32RfbtM>>. Acesso em: 26 fev. 2014. Entrevista concedida a Maurício Melo Júnior.

Logo, de acordo com esse ponto de vista, conhecer a tradição na qual se está inserido é fundamental para um artista, não apenas para que ele vivencie a arte, se identifique e possa ser influenciado ou não, mas também para que ele não “arrombe portas abertas”, ou seja, não acredite que está dizendo algo novo quando, na realidade, está andando por um caminho possivelmente trilhado por alguém há muito tempo. O artista, no entanto, não deve tornar-se um mero incorporador da tradição. Deve, ao contrário, assimilá-la e, caso ela surja em sua obra, aparecerá com uma “feição singularizada”, ou seja, reprocessada num sistema criativo diferenciado.

Segundo Pereyr, outro ponto de vital importância para o escritor (e para o poeta principalmente) é um conhecimento abrangente da língua na qual se escreve, já que a mesma é a “ferramenta” do escritor, ou seja, o domínio da língua e dos recursos que ela dispõe é o primeiro passo para criar nessa língua. Em entrevista concedida à TV Senado, afirma Roberval Pereyr:

Eu acho que o artista tem que conhecer, tem que ter um domínio da língua para poder se aproximar (já que o ideal não é possível ser alcançado) daquele ponto da impossível perfeição. Dominar a língua parece que é básico. Dominar os recursos da língua, inclusive os recursos da língua aplicados à poesia: o recurso visual na página, certas quebras, a subversão da gramática também quando é necessário, em função das necessidades rítmicas e musicais do poema. Tudo isso é fundamental. Para isso, conhecer a língua, saber jogar com a língua, de muitas maneiras diferentes, saber, na hora que for necessário, fazer arranjos inéditos e inventivos. Não como mero experimentalismo, mas como uma experimentação profunda da linguagem em função de encontrar soluções singulares para percepções singulares, ou para visões singulares (PEREYR, 2013).

Sendo assim, o conhecimento da língua é também basilar para o escritor. O artista da palavra, para singularizar a sua obra tem que, antes de tudo, conhecer a língua e a tradição, bem como um músico profissional passa toda a vida estudando, descobrindo e inventando arranjos; ou um artista plástico, mesmo frequentado um curso de belas artes, vive em busca de novas expressões para sua arte.

O precoce contato com processos criativos da língua portuguesa favoreceu uma empatia com o idioma, que foi muito importante para o poeta, já que proporcionou a ele o gosto pelo conhecimento linguístico, que seria vital para suas produções posteriormente. Além disso, Pereyr utiliza este largo conhecimento do português nas atividades como editor e revisor de obras literárias e como orientador de trabalhos acadêmicos.

Roberval Pereyr critica as facilidades de divulgação que algumas produções têm conseguido nos últimos anos. Existe, segundo ele, uma crise qualitativa, ou seja, devido às facilidades abertas para a publicação, a quantidades de trabalhos ruins que estão em circulação aumentou significativamente. Em artigo intitulado “Mercado e Culturalismo *versus* Poesia”, Roberval Pereyr afirma que:

Em se tratando de arte, a pior crise é a da qualidade. Na atualidade, a proliferação da má poesia – sob sua forma estrita: o poema – chega a ser excessiva. Trata-se certamente de um fenômeno global. Em escala alternativa, nunca foi tão fácil publicar. Os armazéns virtuais de poemas, via internet, têm suas inúmeras janelas abertas para o mundo. As grandes editoras, por sua vez, não fogem à dura lei do grande mercado: o best-seller em primeiro plano. Mas, mais grave que a proliferação de poetas insípidos, é uma certa visão – e uma larga vigência – que usurpam quase todo o espaço das mais autênticas manifestações artísticas, ou que, em outro plano, parecem negar a própria existência da obra de arte, na perspectiva que lhe é própria (PEREYR, 2006, p. 21).

O zelo de Pereyr pela qualidade de suas obras e das obras por ele editadas contrastam com esse cenário. As publicações na internet, que encontram mais suportes proliferadores a cada dia (blogs, fóruns, sites, páginas do Facebook etc.), possuem um lado negativo, segundo Pereyr: permitem a exagerada proliferação da má poesia. As facilidades para colocar textos nas páginas virtuais permitem que qualquer poeta “suba” as suas obras gratuitamente na internet; no entanto, a rede permite que um grande número de obras com pouco valor literário se multipliquem no que Pereyr chamou de “armazéns literários”.

Neste mesmo artigo, Pereyr discorre sobre a busca das grandes editoras pelos best-sellers, ou seja, livros que possuem, por uma série de motivos, os atributos necessários para vender muitos exemplares e, conseqüentemente, trazerem lucro para as grandes editoras. Neste cenário, a literatura é transformada em mero negócio, ou em uma atividade que sujeitos sem sensibilidade e aptidão podem desenvolver e disseminar no meio virtual.

Mais grave do que o surgimento e a disseminação de poetas sem talento, segundo Pereyr, é o chamado “Culturalismo”, ramo da antropologia que ganhou espaço no meio acadêmico e que, segundo ele, dilui das manifestações artísticas, negando, em última instância, os valores da obra de arte. Trata-se de uma busca pelo que Pereyr chamou de “o critério da quantidade indiscriminada”. O poeta, no artigo “Mercado e Culturalismo *versus* Poesia”, explica que:

Tal critério – levado a efeito, indiretamente, inclusive por certos acadêmicos estudiosos da cultura – contribui, ao meu ver, para uma nivelção por baixo das obras de arte. O principal argumento, por parte de quem assume a referida postura, reside talvez no fato de que é preciso incluir, tolerar (o outro e a sua diferença), enfim, relativizar. E tudo em nome do direito, mais que legítimo, de que todos possam *realmente* dizer a que vêm (PEREYR, 2006, p. 23).

Quer dizer, existe um critério que, em nome da democracia, coloca todas as produções em um mesmo nível. Essa forma de considerar as manifestações artísticas, segundo Pereyr, leva em conta a tolerância e não os atributos que são próprios de uma obra de arte. Ele ressalta ainda que acadêmicos e estudiosos da cultura estão levando em conta esse critério, o que o valida ainda mais enquanto pensamento. Sobre esse assunto, Alfredo Bosi, em seu livro *Literatura e Resistência*, afirma que

os estudos culturais que sobretudo nos Estados Unidos, mas também em suas periferias, substituíram a interpretação literária e a crítica estética pela exposição nua a crua do assunto, valorizando-o, se politicamente correto, e condenando-o, se politicamente incorreto (BOSI, 2002, p. 251).

Incomoda a Pereyr o Culturalismo porque para ele o mais importante em uma obra de arte, não é o assunto, mas as virtudes estéticas. Independente da vertente, do artista estar ou não inaugurando uma nova tendência, ele acha importante o conjunto de atributos de um trabalho que o torna uma obra de arte. Em entrevista concedida à TV Senado, afirma Pereyr:

Para mim, a obra de arte tem que ter qualidade. É claro que tem um lado subjetivo nisso, mas essa qualidade também tem um lado objetivo. A obra de arte, um poema, está escrito, ele está ali na sua frente. Tem um lado imponderável, irreduzível a qualquer análise, a qualquer abordagem racional, mas também tem um lado plausível e dá para você avaliar a qualidade. Claro, sempre preservando o lado pessoal de cada um. (PEREYR, 2013)

Pereyr explica que existe um lado pessoal na arte, pois parte da experiência pessoal de cada um. No entanto, existe um lado que pode ser avaliado porque é real, palpável. Um poema está escrito, é uma construção e pode, na visão dele, ser julgado pelas suas qualidades. Dessa forma, no campo da arte, é possível fazer comparações de ordem qualitativa, ao contrário do que pensam, conforme Pereyr, os acadêmicos filiados aos estudos culturais. Esses afirmam que o leitor, condicionado apenas pelo contexto e pelo olhar, é que diz se uma linguagem é ou não é artística. Para ilustrar esse ponto de vista, no “Mercado e Culturalismo *versus* Poesia”, ele usa uma comparação no campo do esporte:

É como se fosse possível a alguém reunir os melhores futebolistas do seu bairro e, após um discurso muito bem costurado, formar uma equipe que viesse a vencer a seleção brasileira. Eu, de minha parte, não teria dúvida: entre as conjeturas dum abalizado acadêmico e a simples afirmação em contrário de um Zico, ficaria, sem nenhum temor de errar, com a palavra do craque. E por quê? Simplesmente porque me parece evidente que os piores jogadores da seleção brasileira são, em princípio, *muito melhores do que os exímios da minha rua*, embora entre estes, uma vez criadas as condições, um e outro, não por acaso, talvez viessem a se destacar (PEREYR, 2006, p. 31).

Existem artistas em todos os lugares. Existem também praticantes de futebol, no caso do nosso país, em praticamente qualquer lugar por onde passemos. No entanto, essas pessoas, em sua maioria, estão atuando como artistas e como praticantes de futebol apenas como amadores. Ou seja, existe uma evidente distância qualitativa, segundo Pereyr, entre aquele que simplesmente atua em uma determinada área e quem o faz de maneira exímia. Essa distância qualitativa também se transcreve em números, isto é, existem muitos praticantes de determinada modalidade esportiva, mas apenas uma meia dúzia pode ser chamada de craque.

É claro que arte e futebol são coisas bem distintas e possuem as suas peculiaridades. O que Pereyr assegura é que, mesmo havendo uma questão de gosto, em ambas as áreas, existe também a qualidade que é própria de cada arte e é indiscutível. O exemplo do futebol serve para ilustrar que mesmo existindo muitas pessoas que atuam com desenvoltura em diversas áreas, elas não estão no mesmo patamar de outras que o fazem com maestria. Criando-se as condições favoráveis para que talentos latentes surjam é possível que brotem alguns destaques, mas, na visão de Pereyr, existem sempre os diferenciados.

Com as obras de arte dá-se da mesma forma, apenas, e felizmente, o terreno é muito mais movediço, o campo de jogo muito mais labiríntico e complexo e as possibilidades de valoração muito mais amplas e discutíveis. Uma coisa, porém, é certa: Pelés e Picassos não são encontráveis em qualquer boteco. Questão de gosto? Sim, desde que seja para escolher entre um Roberto Rivellino e um Diego Maradona, entre um Miguel de Cervantes e um Guimarães Rosa, ou entre um Zé Limeira, o poeta do absurdo, aquele genial e lendário repentista nordestino, e um Campos de Carvalho, autor de títulos magníficos e obras malditas (PEREYR, 2006, p. 32).

Pereyr argumenta que, mesmo existindo quanto às obras de arte possibilidades maiores de discussão, arte e esporte são áreas nas quais surgem raríssimos gênios. Mesmo assim, diante da pluralidade de obras

existentes, é preciso prezar pelos predicados dos trabalhos, isto é, se for para escolher, que essa escolha seja balizada pelo gosto estético. Ele cita grandes nomes da literatura e do futebol para recomendar exatamente isso: o gosto é pessoal, mas tem que ser fundamentado, antes de tudo, na qualidade.

2.1.1 Roberval Pereyr e a criação poética

Roberval Pereyr, antes de tudo, é um especialista da arte poética. O que significa dizer que, além de poeta, Pereyr é um estudioso de poesia. No entanto, o seu estudo não se restringe apenas à teorização e à análise pura e simples de textos. Ele articula a experiência direta que tem com a poesia, isto é, a sua vivência enquanto poeta, com a teoria. O seu trabalho teórico, sendo assim, é também um trabalho filosófico.

Os seus escritos e as suas entrevistas expõem um ponto de vista muito particular sobre a poesia. Esse olhar próprio de Pereyr é fruto de intensa leitura e pesquisa, mas também de sua força criativa. Rollo May (1982) chama essa força de “vontade criativa”. A vontade de criar é por si só uma força de contestação. O artista, com seu potencial criativo, ameaça todo e qualquer sistema bem-ordenado, isto é, a liberdade criativa ameaça toda espécie de dogmatismo (científico, econômico, moral e político). O “impulso criativo” representa uma ameaça à racionalidade e à autoridade.

Os dogmatistas, portanto, tentam dominar o artista. A Igreja, em certos períodos da história, acorrentou-se a assuntos e métodos predeterminados. O capitalismo tenta comprá-lo. E o realismo soviético³ procura dominá-lo por meio do ostracismo social. O resultado, em virtude da natureza do impulso criativo, é fatal para a arte. Se fosse possível controlar o artista – e não acredito que seja –, isso significaria a morte da arte (MAY, 1982, p. 77).

³ O autor se refere ao antigo regime da Rússia Soviética, no qual o expurgo dos escritores, no tempo de Stalin, foi uma demonstração clara da ameaça que a criatividade oferece aos regimes autoritários.

O artista não se permite dominar. Ou melhor, a ação criadora, que nele reside, impede que amarras de qualquer natureza desvirtuem o seu ofício. A vontade criativa é maior, inclusive, do que as imposições da sociedade. No caso de Pereyr, a criação é o que o move. Segundo ele, o ato criativo possui uma dimensão racional e outra que não pode ser racionalizada.

Eu sou movido a escrever. Porém não sei por que escrevo. Mas quando digo que não sei o motivo de escrever, quero dizer que não compreendo qual é a origem. Desde jovem tenho esse impulso pela criação e encontrei na linguagem poética o caminho para isso. Contudo, quando eu escrevo deixo transparecer as preocupações que tenho. Como carrego essas preocupações existenciais, isso acaba sendo uma coisa determinante em minha poesia. Mas, independentemente do direcionamento racional que o artista queira dar à sua poesia, ele cria pela necessidade de criar e as determinações são mais profundas do que as que vêm do plano meramente racional. (PEREYR, 2009, on-line)

Logo, a criação de Pereyr surge de uma vontade inexplicável. A poesia foi o caminho encontrado por ele para dar vazão a esse impulso criativo, mas ele não consegue explicar o motivo exato desse impulso. No entanto, quando escreve, explicita suas preocupações, mas estas não são as geradoras dessa necessidade. Ou seja, a vontade de criar não é uma vontade racional, mas, uma vez criada, a obra evidencia as inquietações do autor.

O criador, dentro dessa visão, é movido por algo misterioso. A “vontade criativa” está no plano das coisas que não podem ser racionalizadas. Surge de uma inquietação do artista com alguma questão do seu mundo e se transforma em uma necessidade inexplicável de criar “algo” que se aproxime ao máximo daquela ideia, ou seja, uma vontade intuitiva de transformar ideias em arte. Podemos chamar essa vontade de “inspiração” se adotarmos a definição de Antonio Brasileiro: “inspiração é, decididamente, trabalho” (2012, p. 42). Isto é, a inspiração e a criação, enquanto trabalho, são indissociáveis.

Segundo Pereyr, é igualmente inexplicável a própria poesia: “A poesia é essa coisa misteriosa que propicia esse salto de percepção, que faz a gente se perceber na clareira do Ser, como diz Heidegger; isso é poesia.” (PEREYR,

2010, p. 15). A definição dada por ele nesta entrevista é também uma definição filosófica que aponta para o imponderável da condição humana, pois nela, Pereyr afirma que a poesia é está ligada ao mistério, a fatos ligados ao inconsciente que permitem ao leitor uma experiência diferenciada. Em *A unidade primordial*, Pereyr afirma que a poesia é

o espaço de um encontro. O acesso a esse espaço - passagem do estado normal ao estado lírico – pressupõe um estado de mistério, como, por exemplo, a passagem do sono para a vigília (PEREYR, 2000, p. 22).

Logo, a poesia é, para Pereyr, algo misterioso que permite o encontro do homem com outro estado do seu ser, o estado lírico. Adotando esse pressuposto, podemos inferir que quem escreve poesia é capaz de criar esse espaço de encontro do sujeito com outra dimensão do seu eu. O poeta é, então, aquele que consegue, através da sua criação – o poema –, colocar o leitor sensível em contato com imagens arquetípicas do inconsciente. O poema é uma construção artística que diz, pelo do ritmo e pelas imagens, aquilo que o discurso corrente não articula.

O poeta é aquele que, movido por uma inspiração ou algo equivalente, transfigura, traz esse lirismo, esse algo a mais, essa coisa que rompe com o cotidiano da vida e faz você dar esse salto diferente de percepção (PEREYR, 2010, p. 15).

A labuta do poeta é então transformar a inspiração em uma forma que possa levar o leitor a encontrar o “algo mais”. O poeta se ocupa em decodificar a realidade e recodifica-la: “cada poema é uma leitura da realidade; essa leitura é uma tradução; essa tradução é uma escrita: um voltar a cifrar a realidade decifrada” (PAZ, 1984, p. 98). Não existe, porém, apesar da constante decifração e ressignificação dos códigos, a automatização da poesia. O que acontece, pelo contrário, é que o poeta,

voltado para as condições reais do processo poético, se vê lançado ao exercício de um controle permanente sobre o poema, para não abandoná-lo às contingências do acaso e da inércia (CARONTE, 1979, p. 91).

Para fugir da inércia, o poeta inventa novos rumos para a poesia, inaugurando sentidos para as palavras. A palavra na poesia adquire novos significados, abrindo caminho para distintas formas de enxergar uma mesma realidade. Segundo Roland Barthes:

Cada palavra poética é assim um objeto inesperado, uma caixa de Pandora donde saem todas as virtualidades da linguagem; portanto é produzido e consumido com uma curiosidade particular, uma espécie de guloseima sagrada. (1989, p. 44).

Pereyr explica em *A unidade primordial* que as palavras – dotadas de uma musicalidade que lhes é própria – podem adquirir novos significados no poema quando empregadas para designar elementos distintos daqueles que costumeiramente expressam.

Certas palavras, num poema – queremos dizer: num grande poema – chegam mesmo a assumir posição estratégica em relação ao próprio idioma. O impulso rítmico as conduz, potencializadas, a (e em) perspectivas jamais colocadas. Assim, o idioma passa a ser *tocado* a partir de ângulos distintos – ou mesmo inéditos – da esfera linguística. O que equivale dizer: através do poema o idioma renasce, elevando-se a um grau muito alto o seu poder expressivo (PEREYR, 2000, p. 28).

Em conformidade com essa ideia, Massaud Moisés explica que, na poesia, as palavras podem adquirir diferentes significados, reduzindo-se, por exemplo, aos sons (seus elementos primários), ou “a significações irracionais, mágicas, oníricas, delirantes, extravagantes, etc.”, ou ainda a suas relações de sinestesia. Segundo o autor, na linguagem poética:

a palavra perde sua roupagem gramatical e lógica, as denotações de dicionário, para tornar-se o sinal de um inexistente farol em plena bruma, ou o brilho de uma estrela que houvesse explodido há milhares de anos. A palavra poética, ou melhor, a metáfora desincorpora as aderências proveniente de seu emprego convencional e “sensato”, e adquire características de linguagem cifrada, apenas acessível a iniciados, vigente num universo fechado e submetido a leis próprias. Ou seja, a linguagem da poesia é essencialmente conotativa. (MOISÉS, 1975, p. 51).

Assim, depois a leitura de “No meio do caminho” de Carlos Drummond de Andrade, por exemplo, a palavra “pedra” pode adquirir novos sentidos. A repetição proposital da mensagem (“*No meio do caminho tinha uma pedra*”) assume um papel importante no poema, ligado a outro “caráter essencial assumido pela palavra poética que decorre de um dos componentes básicos do fenómeno poético: o *ritmo*” (MOISÉS, 1995, p. 52). Pereyr afirma que o ritmo afeta o sentido total da obra, pois é uma força primordial que impulsiona a linguagem. O ritmo mantém uma relação filial com a música, como veremos no tópico a seguir.

2.1.2 A música do mundo, a música da língua

Laura da Silveira Paula, em seu livro *Teoria da Literatura* (2011), explica que os gregos antigos se expressavam em versos líricos que eram entoados em forma de canção nas mais variadas manifestações sociais. Logo, a poesia lírica mantém uma relação de filiação com a música. A própria palavra “lírica” vem do vocábulo grego *lyra*, instrumento utilizado na antiguidade para acompanhar versos. Segundo a autora:

A poesia lírica está no fundo da tradição popular, pois é parcela inseparável das cantigas de ninar, dos hinos religiosos de adoração, dos lamentos fúnebres, dos cantos de pastores, dos hinos de vitória nos jogos, dos cantos nupciais – os himeneus – das louvações de amor, dos cantos corais: o lirismo coletivo que homenageava os heróis e cantava a grandeza do povo e da nação. Como vemos, todos os acontecimentos eram

prestigiados com a entoação musical, com a presença forte do lírico (PAULA, 2011, p. 152).

Paula ressalta ainda, que o casamento entre poesia e música foi mantido durante vários séculos, passando pelos trovadores da Idade Média e encontrando um freio somente a partir do advento da imprensa. Mesmo assim, conservou-se a profunda ligação existente entre música e poesia. O poema possui, segundo Pereyr em entrevista para a revista Mira, “uma musicalidade que extrai das palavras, tem uma autonomia musical que fica no âmbito só das palavras” (PEREYR, 2010, p. 15). A respeito disso, afirma Jorge de Souza Araújo:

A poesia pura (ou o que isso signifique, sua atribuição de competência lógica, teórica, ideológica ou psicológica) está sintomaticamente afinada com a música, de que, aliás, deriva desde remotas origens gregas. Ela será confundida com a evasão do real para as regiões do etéreo, ou a transfiguração do real, com suas pertinências semânticas, ritmos de febril pertinácia em ressignificações (2008, p. 192).

Em *A unidade primordial*, Pereyr afirma que o ritmo – componente elementar da música – é a força vital que motiva a linguagem poética. Segundo ele, existe um domínio de coisas que não podem ser explicadas apenas pelo discurso racional como, por exemplo, o que se entende como “o gracioso” ou “o heroico”. Essa gama de elementos pode ser representada, na linguagem poética e musical, por meio do ritmo. Segundo Bosi:

O ritmo das canções guerreiras não reproduz *diretamente* o fragor das ações bélicas, mas lembra o caráter, o *ethos* a atitude psicológica e moral dos soldados em luta; e o faz mediante procedimentos sensíveis, como os metros, os acentos, os jogos melódicos (2000, p. 30).

Então, essas situações arquetípicas encontram correlatos rítmicos, ou seja, o ritmo põe em funcionamento certos códigos do texto, que dão acesso ao universo de significados intangíveis contidos poema. Emil Staiger, em seu

livro *Conceitos Fundamentais da Poética*, afirma que: “O valor dos versos líricos é justamente essa unidade entre a significação das palavras e sua música.” (1997, p. 22). Ainda em seu livro, Pereyr afirma:

O poema estabelece um tom musical, ou ainda, um clima afetivo com o qual o leitor terá de afinar-se. Esse clima à vezes suave, outras, arrebatador – nasce, cremos, do ritmo: força primordial que impulsiona a linguagem e que, uma vez criadas as condições, aflora espontaneamente. (PEREYR, 2000, p. 25).

A disposição das palavras no poema determina o ritmo e, por consequência, as percepções proporcionadas pela obra. Logo, a música pode atribuir sentido a um poema, e o sentido de um poema pode florescer a partir de sua música. T. S. Eliot, em ensaio intitulado “Musicalidade da poesia” afirma que existem poemas “no quais somos levados pela música e presumimos o sentido, como há poemas nos quais nós prestamos atenção ao significado e somos levados pela música sem percebê-la” (ELIOT, 1972, p. 48). Pereyr ilustra essa ideia comparando as palavras às cordas de um instrumento:

As palavras do poema são como cordas de um instrumento – a encantada lira de Orpheu? – que, uma vez acionadas, fazem vibrar regiões esquecidas no mundo íntimo de cada leitor. De repente, um som aberto, explosivo, amortece seu ímpeto nos vãos de uma palavra espessa, escura, esponjosa. Segue-se uma pausa, um abismo se expõe: vazio incomensurável. A essa altura, podemos imaginar, o leitor já foi arrebatado para o universo do próprio poema. O mundo (e o estar no mundo) adquire(m), misteriosamente, uma nova dimensão (PEREYR, 2000, p. 26-27).

Em um poema, a arrumação das palavras (e de certos sinais de pontuação), segundo Pereyr, é involuntária. Mesmo havendo um planejamento, o “estado de inspiração” faz surgir palavras e passagens que não foram racionalmente escolhidas. E cada palavra estabelece um sentido específico, porque possui um ritmo próprio. O ritmo é, segundo Pereyr, dotado de um

sentido. Por esse motivo “música e significado aparecem sempre reunidos no contexto de uma obra lírica.” (PEREYR, 2000, p. 28). Embebido por um ritmo,

o poeta – e, por extensão, o leitor – atinge o estado de inspiração: vê-se tomado por algo estranho e involuntário: musa, demônio, outridade, visão de mundo, eis expressões frequentemente usadas para designar tal mistério (PEREYR, 2000, p. 26).

Sendo assim, o poema possui uma musicalidade própria, conferida pelo ritmo que, por sua vez, atrai palavras afins no que Pereyr chamou de “campo poético”, isto é, um clima criado durante a criação poética que evoca algumas palavras afins e não permite a intromissão de outras que não possuem a mesma “música”, isto é, que destoam no fluxo poético. Como afirma Décio Pignatari, em seu livro *Comunicação Poética*, o ritmo “tece uma teia de coesão” (1977, p. 18), ou seja, cria uma atmosfera harmônica propícia para a criação lírica.

No capítulo anterior, vimos que a experiência de Pereyr com a música se deu através de parcerias: poemas musicados e composições em parceria com seus filhos, os músicos Carol Pereyr e Tito Pereira, e o cantor e compositor Márcio Pazim. Já a experiência poética é uma manifestação plenamente individual. Por isso, ele considera o processo de composição musical diferente do poético. Em entrevista para a revista *Mira*, Pereyr afirmou:

Com a música eu tenho uma experiência diferente porque a criação poética, de modo geral, é muito solitária. O verdadeiro artista é aquele que encontra uma maneira própria de dizer que é tão própria que se universaliza; portanto é um processo muito solitário, e a minha experiência com a música é uma experiência de parceria (PEREYR, 2010, p. 14).

Então, a experiência musical de Roberval Pereyr pode ser dividida em duas categorias: poemas dele que foram musicados (por Márcio Pazim e Carol Pereyr) e composições musicais nas quais ele participou escrevendo as letras.

Na primeira, de acordo com Pereyr (na entrevista para a TV Senado), é preciso perceber se o arranjo musical não destoa do clima e do ritmo que são próprios do poema. Em *A unidade primordial* Pereyr afirma que

Cada poema lírico instaura um clima afetivo que lhe é peculiar e com o qual o leitor terá de sintonizar-se, sob a pena de não poder *participar*, por nenhum outro meio, do estado lírico vivido pelo poeta e estabelecido pelo poema. Neste sentido, o poema mais simples pode tornar-se inacessível, por mais perspicaz, do ponto de vista analítico, que seja o leitor. (PEREYR, 2000, p. 16).

Logo, podemos inferir que para musicar um poema lírico faz-se necessário, primeiramente, sintonizar-se com a atmosfera do poema, entrar no seu “clima”, para, em seguida, traduzi-lo em linguagem musical, pois ele possui, como vimos, ritmo e musicalidade autônomas. É preciso criar um arranjo instrumental que não destoe dos efeitos produzidos pelo poema, isto é, que o acomode enquanto letra, e fazer ajustes quando necessário. É lógico que o músico também traz para esse tipo de composição o seu olhar particular, pois, como afirma Alfredo Bosi: “O ver do artista é sempre um transformar, um combinar, um repensar dos dados da experiência sensível.” (BOSI, 2000, p. 36).

Na segunda categoria, a composição de letras e arranjos é feita de maneira quase simultânea e, dessa forma, o casamento entre letra e arranjo musical é imediata. Portanto, nesse tipo de composição, com o auxílio de um instrumento, é possível fazer a checagem do encaixe da letra na música (e vice-versa), ou criar esses encaixes naquele instante, inserindo um acorde ou retirando uma palavra que tornou o verso excessivamente longo, por exemplo.

Portanto, a produção musical de Pereyr provém de duas experiências diversas: poemas seus que foram musicados e as letras de músicas. Na primeira, a harmonia entre poema e música é obtida, primeiramente, por meio da leitura eficaz do poema e, depois, com os ajustes necessários. Na segunda, letra e música já nascem consonantes e se encaixam já no momento da experiência criativa. Em ambos os casos, ocorre um reencontro, um retorno às

origens, já que “as duas coisas andam juntas, porque a poesia, lá nas suas raízes, era cantada e acompanhada com a lira”, logo, o reencontro da poesia com a música “é, em certo sentido, uma volta às origens” (PEREYR, 2009).

2.1.3 A edição como processo criativo

Como já dissemos, Roberval Pereyr esteve à frente de vários projetos editoriais, dentre os quais o selo alternativo Tulle (2006), que segue publicando livros em regime de consignação com os autores. Fundar uma editora com o objetivo de editar essencialmente escritores estreantes faz parte do modo de pensar de Pereyr

É porque eu tenho tanta alegria em ver meu livro publicado quanto em ver publicado um livro de um menino que acabou de escrever um ensaio, seus contos, seus poemas. É porque eu gosto de ver as coisas nascerem, eu gosto de ver as coisas ficarem prontas. Mas não é o ver compulsivo não, é uma atitude bem criativa. Eu não me considero criador só quando faço poemas; também me considero criador editando, como editor alternativo, que muitas vezes meteu a mão no bolso publicou o livro de um menino que está iniciando e não tirou o dinheiro de volta e ficou por isso mesmo (PEREYR, 2010, p. 17).

Por gostar de “ver as coisas nascerem”, Pereyr faz nascer, há décadas, vários livros, muitos deles de autores estreantes. Contudo, seu objetivo com essas edições não é meramente comercial, como ele afirmou. Existe nessa atitude um impulso criador, uma vontade de colaborar com a obra de outras pessoas. A editora Tulle iniciou seus trabalhos com livros produzidos de maneira artesanal por Edson Machado, diretor do Museu de Arte Contemporânea de Feira de Santana. Somente em 2013 foram publicados os livros de Cristina Mascarenhas (*Debuxos*, poesia), e de Iderval Miranda (*Então*, poesia) impressos na EGBA.

Rollo May (1982) afirma que “a apreciação da música ou da pintura, ou de outros trabalhos criativos, é um ato de criatividade da nossa parte” (p. 20).

Assim sendo, podemos afirmar que trabalho de Pereyr como editor é também um trabalho criativo. No entanto, Pereyr não resume suas atividades editoriais apenas à apreciação de obras de outros artistas. Ele acompanha todos os processos de produção de um livro: seleção de textos, revisão, diagramação, escolha da gramatura do papel etc.

2.2 O OLHAR DO POETA SOBRE O MUNDO E A SOCIEDADE CONTEMPORÂNEA

Roberval Pereyr possui uma visão sobre o mundo muito ligada ao olhar que possui em relação à arte. Quer dizer, a sua forma de ver o mundo e as inquietações a respeito dele são provenientes de seu olhar artístico. As declarações de Pereyr sobre a sociedade contemporânea, por vezes, se assemelham reflexões filosóficas de tão forte que é o seu olhar poético.

Tendo latente esse olhar lírico apurado, Pereyr pode, a qualquer momento, em uma entrevista ou em uma aula, criar imagens para descrever a atual conjuntura. Em entrevista para a revista Mira, por exemplo, afirmou: “Eu me recuso a ser chamado de consumidor, eu não sou uma boca simbólica para devorar o sistema, nem estou aqui para ser devorado por ele” (PEREYR, 2010, p. 16). E completou:

(...) vivemos em um mundo completamente diabolizado onde você não tem, por exemplo, órgãos de defesa do ser humano, você tem órgãos de defesa do consumidor, pois as pessoas hoje são universalmente tratadas como consumidores, e o que é mais chocante: todo mundo aceita isso pacificamente (PEREYR, 2010, p. 16).

Existem órgãos de defesa do homem e Pereyr sabe disso. Ele também tem ciência de que os órgãos de defesa do consumidor são importantes para defender os direitos dos sujeitos envolvidos em negociações. No entanto, no momento em que vai ilustrar o seu raciocínio, não é propriamente o acadêmico racional que está falando. A voz do poeta, que se sente asfixiado pelo mundo capitalista, no qual o consumismo é a lei maior, surge nesse instante. A

sensação de passividade das pessoas, que se deixam ser chamadas de “consumidores”, é, para Pereyr, tão terrível que ele chega a dizer que o mundo está “diabolizado”, ou seja, “um mundo em que as coisas perdem a ligação com a sua dimensão sagrada, ficando isoladas, perdidas e esvaziadas em si mesmas” (PEREYR, 2010, p. 16).

Também é terrível para Roberval Pereyr a ideia de “sonho de consumo”. Segundo ele, o que falta na sociedade contemporânea é a poesia. A falta de algo que transcenda a existência racional, como a poesia, é que faz com que as pessoas busquem no consumo alguma coisa que elas mesmas não sabem o que é. Na entrevista para a Mira, Roberval Pereyr afirma:

Numa situação como esta, eu acho que a poesia, que Octavio Paz já disse que é a religião leiga do nosso tempo, tem um papel fundamental. Embora esteja sendo escanteada, ela é muito necessária e as pessoas têm muita necessidade de poesia no mundo inteiro. Não só da poesia dos poemas, não, da poesia da vida. No fundo, no fundo, quando uma pessoa coisificada vai ao shopping, achando que, ao ver vitrines e comprar vai se realizar, na verdade sai de lá estupidamente vazia, mais vazia do que quando entrou; não só vazia de dinheiro, mas vazia como ser humano (PEREYR, 2010, p. 16).

Cada poeta, como afirma Paz (1984), arquiteta a sua própria religião e mitologia. Essa religião leiga pode ajudar esse homem coisificado do qual fala Pereyr a encontra-se, através da reflexão, da meditação, da contemplação. Pereyr destaca que a poesia permite ao homem esse encontro consigo mesmo e com a sua origem perdida.

A origem perdida é alcançada, a partir da experiência literária, na composição de uma obra de arte e na apreciação da mesma. O encontro com uma raiz fundamental é capaz de transportar o humano para uma dimensão divina, pois existe no lírico a conservação de uma existência primordial, paradisíaca. Logo, a experiência lírica é uma experiência de recordação e “a recordação lírica é uma volta ao seio materno, no sentido de que tudo ressurgue naquele estado pretérito do qual emergimos” (STAIGER, 1997, p. 171).

Quando não há espaço para poesia, afirma Pereyr, é que ela se torna mais necessária. O mundo necessita da “poesia da vida” para não transformar os corredores dos shoppings em depósitos de pessoas coisificadas. Quanto menos o homem se aproxima da poesia, maior é a sua necessidade de buscar no consumo a dimensão do sagrado. Mas o sagrado não se encontra nem no dinheiro, nem nas coisas que o dinheiro pode comprar. Rollo May (1982) afirma que as pessoas fogem da arte e da religião, experiências que ele chama de “inconscientes e irracionais”, porque elas ameaçam a ordem e a uniformidade burguesa. Segundo o psicólogo:

Essa é uma das razões por que a civilização ocidental moderna teme a experiência inconsciente e irracional. A potencialidade recebida das profundezas da mente não se adapta à tecnologia essencial do nosso mundo. Os indivíduos, temerosos dos elementos irracionais, em si mesmos e nos outros, *colocam ferramentas e aparelhos mecânicos entre seu eu e o mundo do inconsciente*. Protegem-se assim contra a ameaça assustadora da experiência irracional (p. 69).

Nesse ponto, percebemos que Pereyr entende a poesia (no sentido mais amplo, ou seja, aquela coisa misteriosa que propicia ao homem saltos de percepção) como essencial para a humanidade. A crítica feita por ele ao mundo contemporâneo leva à conclusão de que o homem do nosso tempo pode encontrar a dimensão sagrada, da qual carece, na poesia, “a religião leiga de nosso tempo”.

Neste contexto, a poesia é altamente necessária porque aponta para o anticonsumismo, o anti-utilitarismo. Ela é gratuita, desinteressada. Enquanto o mercado diz consuma, consuma, consuma, a poesia diz: pare, contemple, medite, fique em êxtase. Veja só a revolução que ocorreria, se todas as pessoas da Terra ficassem em meditação algumas horas por dia. O sistema iria à falência. Então, a poesia é potencialmente desarticuladora do sistema (PEREYR, 2010, p. 16).

A poesia é uma das formas de salvar a humanidade que está à beira do abismo, pois aponta para a direção oposta à dos valores capitalistas. O capitalismo é mantido por uma engrenagem alimentada pelo consumo. Quanto mais esse sistema evolui, maior é a necessidade de combustível. É preciso, então, para alimentá-lo, dessacralizar a sociedade, propagandeando

incessantemente o “novo”. A poesia pode desarticular esse sistema ao levar as pessoas à contemplação, à reflexão e ao estado de êxtase.

A poesia opera, então, contra a ação desumanizadora da sociedade. Quando o poeta busca resgatar o elo perdido com o divino, está, ao mesmo tempo, refugiando-se no mais profundo do seu ser. Esquivando-se do social o poeta acaba por afastar o seu discurso daquele corrente na sociedade, instituindo a sua poesia através do símbolo fechado, na linguagem hermética. A poesia é, então, uma forma de resistência. Segundo Bosi:

A poesia resiste à falsa ordem, que é, a rigor, barbárie e caos, "esta coleção de objetos de não amor" (Drummond). Resiste ao contínuo "harmonioso" pelo descontínuo gritante; resiste ao descontínuo gritante pelo contínuo harmonioso. Resiste aferrando-se à memória viva do passado; e resiste imaginando uma nova ordem que se recorta no horizonte da utopia (BOSI, 2000, p. 145).

Devemos entender, portanto, que Pereyr possui uma percepção diferenciada da realidade. A sua leitura da conjuntura social atual parte de sua sensibilidade artística, como pudemos constatar nas suas declarações anteriores. Pessimista quanto ao futuro da humanidade, Pereyr condena a postura pacífica das pessoas diante da autocondenação que é o consumismo exagerado. E vê na arte uma das saídas possíveis para o homem encontrar-se.

Roberval Pereyr considera a sociedade contemporânea como vazia e materialista, carente da dimensão do sagrado que pode ser encontrada na poesia. No entanto, no atual contexto social, a poesia foi escanteada, pois “não dá lucro: nega-se a virar mercadoria (como há muito lembrava-nos Octavio Paz), perdendo assim a visibilidade, o seu suposto lugar de destaque na grande vitrine do mercado global” (PEREYR, 2006, p. 29).

Pereyr evidencia que o homem está destruindo o planeta para satisfazer desejos exagerados. Apesar de o poeta considerar que a humanidade nunca viveu em paz, essa configuração social atual é, para ele, a pior que já existiu. Em Entrevista para a revista Mira, afirma o poeta:

Nunca houve uma época boa para a humanidade, nunca a humanidade foi pacífica, mas o homem hoje está destruindo o planeta: os tais sonhos de consumo estão ligados ao desejo exageradamente estimulado e são, portanto, insaciáveis (PEREYR, 2010, p. 16).

O homem não pode saciar a vontade de consumir porque é uma vontade criada e estimulada pelo sistema. Na verdade, o consumo é um dos aspectos cruciais da sociedade, pois, para sobreviver no sistema capitalista, é preciso adquirir os bens indispensáveis. Mas na sociedade de consumo, o ato de consumir assume um papel para além de suprir as necessidades básicas. Como afirma Livia Barbosa em *A sociedade de consumo*:

A cultura material e o consumo são aspectos fundamentais de qualquer sociedade, mas apenas a nossa tem sido caracterizada como uma sociedade de consumo. Isto significa admitir que o consumo esteja preenchendo, entre nós, uma função acima e além daquela de satisfação de necessidades materiais e de reprodução social comum a todos os demais grupos sociais. Significa admitir, também, que ele adquiriu na sociedade moderna contemporânea uma dimensão e um espaço que nos permitem discutir através dele questões acerca da natureza da realidade (BARBOSA, 2004, p. 14).

Quando os sujeitos de uma sociedade consomem além do necessário, acabam acumulando bens dispensáveis à subsistência, criando um contingente de quinquilharias que serão descartadas para dar lugar ao “novo”. Começa, então, uma interferência negativa no meio-ambiente, pois se destrói a natureza para construir bens de consumo, sem a preocupação com o futuro. Logo, o homem contemporâneo, como seus sonhos de consumo insaciáveis, está se destruindo e destruindo o meio em que vive. A visão negativa de Pereyr a respeito dessa conduta reside no vislumbre abominável de um futuro no qual os recursos naturais do planeta vão se esgotar e o homem terá acabado com a sua própria casa.

3 UM E MUITOS: O PERFIL “BIOGRÁFICO” DO SUJEITO POÉTICO

Nas páginas que seguem, traçaremos um perfil poético biográfico de Roberval Pereyr. Pretendemos, com esse estudo, apontar traços importantes dessa biografia poética, cujo acesso se dá através dos poemas, e perceber as relações desses aspectos com os pontos de vista de Roberval Pereyr (sujeito empírico) já aqui apresentados.

Para esta análise, utilizaremos poemas que compõem livro *110 Poemas*, lançado em 2013 pela *Quarteto Editora*. Trata-se de uma antologia, feita pelo próprio Pereyr, dividida em sete partes, cada uma delas correspondente a um dos livros do poeta lançados até 2013. Como já dissemos, Pereyr faz seleções rígidas dos trabalhos. Logo, essa obra em particular é a “seleção da seleção”, ou seja, os melhores poemas (ou os mais importantes) na opinião do próprio poeta.

3.1 NOS RASTROS DA MEMÓRIA

3.1.1. Pistas falsas: da (im)possibilidade de biografar o sujeito poético

Um dos traços marcantes da poesia de Roberval Pereyr é a preocupação formal. É possível observarmos, em toda a sua obra, a presença de recursos rítmicos e da métrica, além de padrões sonoros que frequentemente instauram a tensão no interior dos seus poemas. Como ocorre no poema “Tempo”:

Ladra insistentemente
no fundo da noite, um cão.

Ouvi-lo assim dissolve-me
num imenso não.

Mas um não que devora
sob todo sim

toda a vã memória
que floresce em mim.

(PEREYR, 2013) p. 89).

“Tempo” se arquiteta a partir de um “paradigma sonoro”, isto é, uma relação estrutural entre palavras com sons semelhantes que se repetem no decorrer do poema (“cão”, “não”, “vã”). Essas palavras se concatenam melodicamente, criando, entre as quatro partes, uma teia semântica. Na primeira estrofe, percebemos a presença de uma figura com conotação negativa que se impõe: “um cão”. Na segunda, acontece a reiteração e ampliação da imagem a partir da rima externa com um adverbio de negação: “Ouvi-lo assim dissolve-me/num imenso não”.

A terceira estrofe se inicia com um vocábulo adversativo (“Mas”), conjunção que deveria, formalmente, expressar a ideia de contraste ou compensação, mas atua como um mantenedor do paradigma, pois introduz novamente uma ideia negativa, aprofundando ainda mais o clima já instaurado. O “não”, mais uma vez empregado, ecoa no interior do primeiro verso (dessa estrofe) para criar, como o segundo, uma relação antitética, apontada pela presença do seu oposto direto “sim”. E, na quarta estrofe, o adjetivo “vã”, reitera o padrão sonoro-semântico que percorre o poema, conferindo o efeito de esvaziamento da memória lírica que aflora no sujeito e sustentando o clima de tensão que percorre todo o poema.

O “cão”, alegoria reincidente na obra poética Pereyr, instaura uma tensão semântica no poema. Representante simbólico do tempo, ele é fator capital na cisão da memória do sujeito em duas: a do sujeito empírico, afetada diretamente pelo transcorrer dos anos; e a memória lírica, isto é, uma memória ligada a um momento pretérito no qual emergimos (STAIGER, 1997, p. 171). A memória do poeta se alimenta de tempo, isto é, se distende com o passar do tempo. Ao desativá-la, o sujeito faz florescer a outra, que é devorada pelo tempo. Resta, então, um grande vazio, ao qual Pereyr chama, em *A unidade primordial*, de “campo poético”, isto é, um vazio “pleno e de onde brotam

inexplicavelmente todas as coisas existentes e imagináveis” (PEREYR, 2000, p. 29). Essa imagem é reiterada no poema “Aqui e além”:

Demolidor de destinos,
de escombros vou me fazendo:

um suicídio contínuo
me diz e vai desdizendo-me.

O tempo come a memória,
que se alimenta de tempo:

ao fim se conta a história
sem o seu dono por dentro.

(idem, p. 106).

O poema é composto em redondilha maior (versos heptassílabos), forma que, de certa maneira, que evoca uma origem sertaneja do sujeito poético, já que essa modalidade de versificação é comum em desafios de cantadores repentistas nordestinos, nos quais o poeta se apresenta de forma enaltecida e afronta o desafiante. Esta forma, no entanto, remete a um passado mais remoto: fora usada no fim da Idade Média e adotada, posteriormente, pelos poetas Sá Carneiro e Camões, no início do século XVI.

A apresentação dos cantadores é uma etapa importante numa cantoria – poesia oral improvisada por cantadores que se desafiam através dos versos, geralmente acompanhados pelo som da viola – e funciona, segundo Idelette Muzart-Fonseca dos Santos, “como uma espécie de introdução onde cada um dos cantadores se apresenta com ênfase e grandiloquência, exaltando a si mesmo, sua honra e sua reputação de cantador” (2006, p. 24). Em “Aqui e além”, o sujeito lírico faz uma clara apresentação de si mesmo, e vale notar que o texto é escrito em primeira pessoa, o que reforça essa ideia.

Santos afirma ainda que a cantoria possui “regras poéticas muito precisas” (2006, p. 21), de maneira que a rima é um elemento fundamental nesse contexto. Elemento que também é marcante em “Aqui e além”, presente em todos os versos, constituindo uma rígida coesão e estabelecendo-se como mais um ponto convergente entre o poema e a cantoria.

Sendo assim, é possível, por exemplo, identificar intertextualidade entre “Aqui e além” e o seguinte repente de Zé Limeira, Poeta do Absurdo:

Eu briguei com um cabra macho
Mas não sei o que se deu:
Eu entrei por dentro dele,
Ele entrou por dentro de eu,
E num zuadão daquele
Não sei se eu era ele
Nem sei se ele era eu⁴

O ritmo do poema, que conta uma peleja, é similar ao de Pereyr. O jogo de palavras existente a partir do terceiro verso simula uma briga entre o eu do poema e um “cabra macho”. O efeito mutualístico do terceiro e quarto versos (“Eu entrei por dentro dele,/Ele entrou por dentro de eu”) em muito se assemelha com a relação entre tempo e memória na penúltima estrofe de “Aqui e além” (O tempo come a memória,/que se alimenta de tempo); e a escolha vocabular da última também remete ao repente de Limeira (“ao fim se conta a história/sem o seu dono por dentro.”).

Como em “Tempo”, também existe em “Aqui e além” um “paradigma sonoro”, nesse caso, formado pela repetição de unidades consonantais que vão corroborando com a construção do estado de tensão no interior do poema. No primeiro verso, as três palavras dispostas em regime de aliteração (repetição da consoante “d”) constituem um adjetivo com o qual o sujeito lírico se identifica. Do segundo verso, que se inicia com o mesmo fonema, em diante, o segmento sonoro se repete instituindo um nexos que percorre todo o poema.

O tempo é representado como desencadeador de uma tensão entre duas memórias. A memória do sujeito empírico, isto é, aquela que “se alimenta de tempo”; e a memória do sujeito poético que é devorada por ele. O título do poema é “Aqui e além”, isto é, existem duas instâncias memoriais: uma real e outra avivada pela lembrança lírica; uma contável pelos fatos transcorridos ao longo do tempo e outra que se dilui com o tempo. Essa relação está expressada

⁴ LIMEIRA apud COLARES, Majela. **Zé Limeira e Orlando Tejo: surrealismo à flor da tinta.** [03 de outubro de 2006]. Disponível em: <<http://www.jornaldepoesia.jor.br/maj18.html>>. Data de acesso: 31/07/2014.

na penúltima estrofe, cujo efeito cíclico é evidente: “O tempo come a memória,/que se alimenta de tempo”. A relação de mutualismo entre memória e tempo, recorre mais uma vez à ideia de esvaziamento. Essa noção, sobre o qual já discorreremos, aparece na estrofe seguinte.

A história é contada sem o seu protagonista, pois ele ali se apresenta e, ao mesmo tempo, não está, já que a memória não é uma recriação perfeita dos fatos. Usando a imagem do poema “Desmentido” (idem, p. 47), a história desse sujeito é a sua “pista falsa”. Afirma Idmar Boaventura que toda memória, “mais do que lembrança idêntica do passado, é na verdade uma recriação, uma organização narrativa dos fatos” (BOAVENTURA, 2011, p. 145). Para fazer biografia desse sujeito fragmentado é necessário, então, montar um mosaico de memórias que se apresentam e se contrafazem no interior dos poemas.

A imagem do eu que se fragmenta é ressaltada em “Sob as montanhas”:

As memórias — ei-las: é o que somos.
Pois o que buscamos é a perfeita forma
de um passado torto.

porque, ontem, fomos tristemente
outros — rudes
aprendizes do que nunca fomos.

(idem, p. 22).

O sujeito poético não assume a sua forma do presente. Ele busca o que foi no passado, mesmo sabendo que o seu eu do passado é uma imagem distorcida. Ser aprendiz do que nunca se foi é funcionalizar a própria história, podendo, nela, criar identidades. No poema “Canção da chegada” ele reitera: “Desisto de mim, sou passado.” (PEREYR, 2013, p. 108). Essa imagem representa a situação do homem na modernidade, cuja identidade está em crise, pois rompeu drasticamente com os valores do passado, mas não encontrou aconchego na turbulenta configuração social do presente. Ele começa, então, a percorrer os caminhos do inconsciente, travando uma luta com o ego.

3.1.2. “Nasci(dos) nos matos”: o sertão como ponto de convergência

Afirmou Pereyr em entrevista à TV Senado, em 31 de setembro de 2013, que embora a sua poesia não tematize o sertão, regularmente, ele a considera muito sertaneja por conter imagens da sua infância na roça e por ser dotada de um ritmo, uma “pegada sertaneja”. O poema “Galope”, possui essas características:

Meus pensamentos são meus camelos
Meus pensamentos são meus cavalos

(com uns cavalgo para o silêncio
com outros marchos para a saudade).

Meus pensamentos são meus cavalos
Meus pensamentos são meus camelos

(sou sertanejo, nasci nos matos,
ando a cavalo para mim mesmo).

Meus sentimentos são meus desejos
em que me vejo perdido, e calo.

Meus pensamentos são meus camelos
Meus pensamentos são meus cavalos

(idem, p. 27).

Neste poema, o sujeito poético metaforiza duplamente seus pensamentos: os cavalos são o encontro com a infância e com as suas raízes sertanejas; e os camelos, com os quais ele cavalga para o silêncio, simbolizam os anseios e a angústia da vida adulta. Na marcha da saudade, ele reconhece a sua origem, “sou sertanejo, nasci nos matos”, e os pensamentos-cavalos, recordações pessoais, servem a sua mitologia pessoal. Na cavalgada silenciosa dos pensamentos-camelos, o sujeito depara-se com o conflito entre sentir e desejar. O animal que atravessa o deserto, resistindo às condições mais hostis, é símbolo da resistência da vida adulta à sociedade contemporânea “dessacralizada”. Por isso, com o camelo, o poeta cavalga para o reencontro com um lugar que permanece em suas lembranças.

Há também uma forte dimensão sensorial no poema. A repetição da estrutura “Meus pensamentos são”, em seis dos doze versos, e a disposição desses versos, igualmente organizados em seis estrofes, evocam, ritmicamente, ao trote de um cavalo, e a quebra dessa marcha é marcada, visualmente, pelos parêntesis. O ritmo também é conferido pela métrica, já que o poema é composto por eneassílabos (com acentos na quarta, sexta e nona sílabas) e o movimento repetido dos versos com essas características atribui ao poema um andamento que lembra ao trote equino. O “sentido do ritmo” e o “sentido das palavras” funcionam em conjunto, ou seja, toda essa estrutura cria aquilo que Pereyr chama de “clima afetivo”, como vimos no capítulo anterior, um ambiente poético no qual o leitor, estando em sintonia, apreende novos sentidos do poema.

Existem, em “Galope”, alguns elementos que remetem à origem rural do poeta. No entanto, o poema em si não tematiza propriamente o sertão. Roberval Pereyr utiliza elementos da roça para falar sobre questões existenciais, ou seja, o “cavalo” e o “sertanejo nasci(do) nos matos” são elementos existentes no imaginário do poeta, mas que atuam, no interior desse poema, em seu sentido simbólico. Como afirmou José Paulo Paes, no ensaio “Boletim de Saúde”, “a poesia de Pereyr é uma poesia eminentemente de idéias” (1999, p. 111) e essas ideias são “solidamente amarradas entre si” através de recursos sonoros e da criação de novas conotações para as palavras.

3.1.3. A luta com o ego

A poesia de Pereyr mergulha, tematicamente, o universo do sonho, como um desafio à razão e à lógica. Investindo em imagens surreais do inconsciente, o sujeito poético mergulha em nebulosos ambientes da imaginação, deparando-se com seu Eu oculto, com o qual trava uma luta simbólica pelo autoconhecimento. Segundo Idmar Boaventura, surgem, na poesia de Pereyr, “investidas contra o ego, visto, muitas vezes, como lugar de morte” (BOAVENTURA, 2011, p. 97).

Há perguntas fundamentais nessa viagem de autoconhecimento: “Quem sou?”. Ou melhor, “O que é “ser”?”. Em “Exercício”, o poeta nos apresenta diversas hipóteses:

O ser é um sopro?
Um eco? A contraparte
do ego
ferido?

O ser é um *não*
falseado? Um passo
em vão
no Vazio? Um rio
constelado de enigmas?

O ser é um mito
oco? Um grito
aviltado nos vãos de vinte séculos?

O ser é um erro
de cálculo, um simulacro
do *sí*, que é, já este,
um simulacro?

O ser é um só? Um nó
que se desfaz em infinitos
nós?

Que é, afinal, o ser
além desta vontade
mórbida, imensa
de esquecer?

(idem, p. 98).

Cada estrofe se inicia com uma interrogação que parte de uma definição, ou seja, o poeta está a ponto de dizer o significado do “ser” (como nos revela a estrutura “O ser é”), mas surge, imediatamente, a dúvida. O eu-lírico nos diz, com isso, que as significações, geradas a partir de uma lógica, não dão conta de definir o “ser”. Em certo momento, também contesta as próprias definições, pois a existência é um rio “constelado de enigmas”. Em nenhum momento, surge a resposta, porque não existe resposta. Talvez existam várias: “O ser é um só?”, talvez não exista nenhuma.

Explica-nos Rollo May que o homem escolhe *ser* e *vir a ser*, enquanto que para os animais *natureza* e *ser* são análogos. A semente vira árvore por

um progresso automático. O mesmo vale para o crescimento e desenvolvimento das outras espécies animais, “mas um homem ou uma mulher tornam-se humanos por vontade própria e por seu compromisso com essa escolha” (MAY, 1982, p. 11). Por esse motivo, os artistas são tão vitais e tão perigosos para as sociedades. Porque lidam com uma linguagem que contradiz a lógica, contestam a realidade, implantam as dúvidas, interrogam sobre o significado da existência e da inexistência dos seres. O papel do artista não é resolver enigmas, mas desencadear dúvidas.

3. 3 METAPOESIA: A VOZ DA CONSCIÊNCIA CRIADORA

Outro aspecto preponderante da obra de Roberval Pereyr é a presença de metapoemas. A metapoesia é uma categoria especial de poemas que, segundo Chalhub, suscita tematicamente “a mais essencial pergunta, aquela que funda o ato criativo: ‘O que é (fazer a) poesia?’” (1986, p.60). Sobre esta categoria poética afirma Flávia Jardim Ferraz Goyanna:

Entre as práticas literárias que ostensivamente evidenciam a consciência crítica do autor, a metapoesia é sem dúvida uma das mais importantes ou significativas. Mesmo diante de um poema que apenas discretamente realiza a dimensão metapoética (através da inserção de um breve comentário limitado a um só verso, por exemplo), não podemos ficar indiferentes à voz da consciência criadora que então se manifesta. (GOYANNA, 1994, p. 53)

A metapoesia representa o emergir da consciência do criador no instante da criação. O poeta contesta o porquê daquele processo em curso e a indagação o leva a escrever sobre o seu próprio poetar. Como ocorre no poema “Silhueta”:

Escrevo: o tédio me ameaça.
O tédio a que não tomo
sequer uma data.

Escrever não salva
mas desdobra em calma
o sofrimento, instaura
o silêncio
onde enfim me enredo contra o horror da estrada.

Escrever é meu credo:
credo que consiste em não crer em nada.

(idem, p. 155).

O poeta fala sobre o momento da criação. O uso do verbo escrever no presente do indicativo denuncia que o sujeito poético quer nos transportar para o ato da concepção do poema. Ele escreve e o tédio o ameaça, mas não ameaça a sua poesia, pois dele o poeta não toma “sequer uma data”. A primeira estrofe é, então, uma ambientação. O poeta nos coloca em sintonia com o seu estado de espírito.

Como ocorre nos procedimentos de dicionarização, nos quais se cataloga e se define os verbos, necessariamente, no seu estado mais genérico, o poeta inicia com o verbo no infinitivo as duas estrofes subsequentes. Ou seja, ele tenta responder, como diz Goyanna, a uma pergunta fundamental: “O que é escrever?”.

Vêm então duas respostas possíveis e complementares: 1. Escrever é acalmar-se, pois a criação poética é um exercício de harmonizar as palavras, e por não ser uma atividade utilitarista é um ato de resistência “contra o horror da estrada”; 2. Escrever é entrar em contato com a sua dimensão sagrada, é atribuir sentido a um momento misterioso de reencontro com uma dimensão mística que não possui propriamente um objeto de crença, por isso, como afirma o Pereyr em *A unidade primordial*, “o poeta é um crente sem deus” (PEREYR, 2000, p.16).

Pereyr possui diversos metapoemas cujo título é “Poema”. Nomeando-os assim, o poeta sugere uma continuidade fragmentada da explicação icônica do que seria a poesia. Cada poema chamado “Poema” é uma unidade explanadora do modo como o poeta lida com a linguagem. Vejamos um deles:

A palavra círculo
e a palavra bufa
e a palavra bomba
e a palavra cínica

a única
e a fundamental
são todas elas da mesma essência.

E a palavra essência
como todas elas
sofre essencialmente
desde mal: palavra.

Mas são todas elas belas
belas e enganosas
como a palavra rio
como a palavra rosa.
E como a real.
(PEREYR, 2013, p. 40)

As palavras são todas feitas da mesma essência, isto é, são unidades singulares usadas pelo homem para designar representações do real. Dento do poema, elas assumem posições estratégicas, isto é, prefiguram-se de maneira harmônica em função de um ritmo (clima afetivo). Por isso, “cada palavra no poema lírico é insubstituível, não admitindo sequer a tradução para outro idioma, sem que isso implique em prejuízo” (PEREYR, 2000, p. 27).

Por isso, afirma o poeta que as palavras são todas belas, “belas e enganosas”. No que Pereyr chamou, em *A unidade primordial*, de “vai-e-vem da linguagem lírica” (PEREYR, 2000, p. 26), certas palavras podem assumir o espaço de outras que tinham sido selecionadas racionalmente para compor um determinado poema. O ritmo, como dissemos, cria uma espécie de campo magnético que atrai vocábulos afins, os quais reivindicam a sua presença no poema. Nas palavras de Carlos Drummond de Andrade, “Lutar com palavras/é a luta mais vã.” (ANDRADE, 2012, p.215). Portanto, as palavras ganham o seu lugar no poema pela força que elas mesmas têm, muitas vezes, acima do desejo do poeta.

3.3 INTERTEXTUALIDADE: O DIÁLOGO COM O OUTRO

A intertextualidade consiste em um diálogo entre textos. O que não significa dizer que um deles influenciou diretamente o surgimento do outro, mas sim que é possível reconhecer elementos constitutivos comuns a ambos, pois um texto é construído “como um mosaico de citação, como absorção e transformação de outro texto” (KRISTEVA, 1974, p. 64). No caso da poesia, a intertextualidade aparece como elemento reforçador de uma ideia, ou uma estrutura pré-concebidos. Ou seja, o poeta consagra uma forma ou uma imagem, de outro, e a reescreve, criando o efeito mosaico no poema. Sobre a intertextualidade na poesia de Roberval Pereyr, Jorge de Souza Araújo afirma:

Na companhia de outros mestres (Drummond, Cabral, Rilke, Rimbald e tantos outros) que os poemas perfilam em parceria e cumplicidade, extensivas ao leitor, Roberval estende a teia e tenda das suas canções, as mais das vezes elegias e antiodes, afirmando o poético, ainda que na era das atrocidades, e lembrando compassos que doem e cuja expressão só não os reconstrói porque nos faz sentir e ressentir um feixe de angústias (ARAÚJO, 2013, p. 12).

Partindo desses pressupostos, percebemos que o poema “Lírico”, de Roberval Pereyr, mantém um forte diálogo com o poema “O Lutador”, de Carlos Drummond de Andrade, ambos metapoéticos:

Na selva de meus dilemas
tratei com feras: palavras.

São belas, são éguas bravas
na alma, que é mãe de éguas.

E perscrutei sob trevas
a nova era e seus mapas:

abri veredas e rotas
às feras que eu libertava.

Ó selvas de meus dilemas
ó éguas da alma, bravas.

(idem, p. 138).

O poema possui uma estrutura muito parecida com a de outro: “Aqui e além”, pois ambos possuem estrofes com dois versos compostos, na maioria das vezes, em redondilha maior. Mas há aqui um esquema sonoro, no qual um verso de cada estrofe rima com outro da estrofe anterior, em posição igual ou diferente, criando a noção de uma luta com as palavras, isto é, uma batalha para manter a ordem estrutural do poema. Todo esse aparato rítmico faz referência à literatura de origem sertaneja, marcada, como já dissemos, pela linguagem de caráter popular que não descuida de certos preceitos formais.

Pereyr fala da labuta do poeta com as palavras. De novo, surge a imagem de um equino, mas dessa vez como símbolo da palavra no poema, “fera” a ser domada pelo poeta. Conforme o poeta vai arranjando as palavras, abrindo “veredas e rotas”, as feras, palavras, vão sendo libertadas. As palavras encontram-se seladas dentro do poeta, em sua alma. A alma é a fonte de todas elas, é a mãe das feras, é o lugar onde todas elas esperam para ser libertas.

Também Drummond falou da sua luta com as palavras:

Lutar com palavras
é a luta mais vã.
Entanto lutamos
mal rompe a manhã.
São muitas, eu pouco.
Algumas, tão fortes
como o javali.
Não me julgo louco.
Se o fosse, teria
poder de encantá-las.
Mas lúcido e frio,
apareço e tento
apanhar algumas
para meu sustento
num dia de vida.
Deixam-se enlaçar,
tontas à carícia
e súbito fogem
e não há ameaça
e nem há sevícia
que as traga de novo
ao centro da praça.

(ANDRADE, 2012, p.215)

A intertextualidade se encontra na imagem construída para as palavras. Para ambos, elas são como animais bravios que precisam ser domados. Pereyr diz que as palavras são como éguas bravas da alma; Drummond, que há algumas fortes como um javali. E sendo as palavras animais selvagens, uma vez libertas, elas tomam rumos adversos, fogem de súbito sendo preciso estudar mapas para recapturá-las na selva dos dilemas.

O instante lírico é também um instante de luta, travada entre o poeta e a palavra. A inspiração institui, desordenadamente, um ambiente propício para a criação. Decerto, captar o instante de poesia e transformar aquela série de reações misteriosas em uma unidade significativa – o poema – é como tratar com feras. E o poeta, compra essa briga ciente de sua derrota: “O ciclo do dia/ora se conclui/e o inútil duelo/jamais se resolve” (ANDRADE, 2012, p.217).

Outro poema de Drummond, intitulado “Procura da Poesia”, também dialoga com “Lírico” de Pereyr:

Penetra surdamente no reino das palavras.
Lá estão os poemas que esperam ser escritos.
Estão paralisados, mas não há desespero,
há calma e frescura na superfície intata.
Ei-los sós e mudos, em estado de dicionário.
Convive com teus poemas, antes de escrevê-los.
Tem paciência se obscuros. Calma, se te provocam.
Espera que cada um se realize e consume
com seu poder de palavra
e seu poder de silêncio.
Não forces o poema a desprender-se do limbo.
Não colhas no chão o poema que se perdeu.
Não adules o poema. Aceita-o
como ele aceitará sua forma definitiva e concentrada
no espaço.

(ANDRADE, 2012, p. 219)

Como no poema de Pereyr, o eu lírico aqui nos diz que há um espaço simbólico habitado pelas palavras. Existem diferentes climas aos quais os poetas podem se afinar para compor poemas, dentro, é claro, do seu universo particular. Estando o criador envolvido por um desses climas, desencadeia-se o

processo de transformação do instante lírico em linguagem. O poeta, como nos diz Drummond, faz os poemas, antes emudecidos, ganharem voz. Ele tira-os do limbo, do seu “estado de dicionário”, isto é, arranja dos vocábulos dando a eles outros sentidos que suplantam o seu uso na linguagem corrente.

É possível perceber no poema “Nuança” (1993) de Antonio Brasileiro um diálogo com o poema “Desmentido” (1984) de Roberval Pereyr. Para facilitar visualmente a comparação, colocaremos os dois em sequencia abaixo:

Alguém me reconhece num retrato de menino.
Não sou eu: é minha antiga paz.
A história de um homem é sua pista falsa:
Estudam meus sonhos, meus passos, meus mapas
E dizem quem sou inutilmente.
Inutilmente.
Porque sou sempre o que vem pelo atalho.

(PEREYR, 2003, p. 47)

Meus caminhos, meus mapas,
meus caminhos.

Tudo está em ordem
em minha vida.

Como se faltasse
alguma coisa.

(BRASILEIRO, 2005, p. 93).

Os dois primeiros versos do poema de Brasileiro se assemelham a: “A história de um homem é sua pista falsa:/Estudam meus sonhos, meus passos, meus mapas”. A palavra “mapas” surge, em ambos, como elemento norteador dos demais vocábulos enumerados. Em “Desmentido”, “sonhos” e “passos” não pertencem, necessariamente, ao mesmo campo semântico, mas quando entram em cena os “mapas”, conclui-se uma imagem: o poeta está falando do seu pensamento e do seu “andar” no mundo. Em “Nuança”, os mapas aparecem entre dois caminhos, criando uma conexão entre eles: o primeiro caminho é desordem, o segundo, depois dos “mapas”, é a ordem. E o poeta reforça: “Tudo está em ordem/em minha vida”. Depois, descontrói com uma imagem desarmônica, fruto de um paradoxo: “Como se faltasse/alguma coisa”.

Há uma intertextualidade também entre o poema “Quotidiano”, de Roberval Pereyr, e “As pêras”, de Ferreira Gullar. Em ambos, as frutas apodrecidas fazem referência à degradação humana e à morte. No poema de Pereyr, as imagens se referenciam por um paralelismo semântico, isto é, pela superposição de expressões que encontram um referencial significativo em estrofes diferentes:

Frutas apodrecem
sobre a mesa.

Minha mãe está ficando magra.

(PEREYR, 2013, p. 46).

As duas estrofes que compõem o poema comunicam ideias díspares que, quando juntas, criam uma atmosfera de degradação e morte. O nexos existente entre elas é o ritmo, marcado pela presença de um ou mais encontros consonantais em cada verso: “frutas”, “apodrecem”, “sobre” e “magra”. As frutas apodrecendo sobre a mesa só ganham a força de expressão deterioradora porque, em seguida, são engenhosamente completadas pela imagem da mãe, figura arquetípica que define, à medida que também definem as frutas que poderiam alimentá-la. As frutas tornam-se também espelho da mãe, ou seja, ambas “apodrecem”, mudam a sua forma física pela ação do tempo.

As frutas podres, enquanto símbolos de deterioração da vida humana, também aparecem no poema “As pêras”, de Ferreira Gullar:

As pêras, no prato,
apodrecem.
O relógio, sobre elas,
mede
a sua morte?

Paremos a pêndula. De-
teríamos, assim, a
morte das frutas?
Oh, as pêras cansaram-se
de suas formas e de
sua doçura! As pêras,
concluídas, gastam-se no
fulgor de estarem prontas
para nada.

(GULLAR, 1999, p. 18).

Nesse trecho inicial do poema, Gullar monta um cenário muito similar à do “Quotidiano” de Pereyr. Frutas sobre a mesa se decompõem, representando as mudanças no corpo impostas pelo tempo; o tempo, imparável, leva a fruta em direção à morte, em analogia à vida humana, também efêmera e subjugada às sequelas do tempo. As pês, que se cansam de suas formas, simbolizam o homem ao fim da vida: decrépito, cansado de sua existência na terra; essa imagem em muito se assemelha à da mãe que definha no poema de Pereyr. Percebemos, então, que há entre os poemas de Pereyr e Gullar, uma similaridade dupla, ou seja, os dois empregam palavras do mesmo campo semântico para construir imagens parecidas.

3.4 CONDENSANDO IDEIAS

Jose Paulo Paes (1999) destaca a economia de palavras nos poemas de Roberval Pereyr. Em *101 poemas*, podemos perceber a presença de algumas composições poéticas muito breves (dois ou três versos), estrutura quase epigramática, isto é, poemas curtos nos quais um pensamento é condensado. Pereyr aproveita essa estrutura para trabalhar, de maneira sintética, os mesmos temas que são comuns na sua obra: o alinhamento à tradição da poesia ocidental, e seus desdobramentos, e a procura por um Eu multifacetado.

A procura por um rosto, isto é, a jornada de autoconhecimento, está presente no poema “Aprendiz de Aprendiz”:

O mestre ouve o som
de uma só mão batendo palmas.

Eu nada ouço.
Mas espero com calma.
(PEREYR, 2013, p. 69).

Buscando conhecer a si mesmo, ou seja, encontrar uma dimensão do Eu escondida no inconsciente, o sujeito poético depara-se com um mestre zen, símbolo do místico. Como em uma das lições do milenar conhecimento budista, o mestre o instrui a escutar o som de “uma só mão batendo palmas”, imagem do encontro da dimensão material com a espiritual. Mas ele nada escuta, apenas espera, isto é, aguarda com parcimônia o seu momento de encontro. Como nos afirma Paulo Leminski, em ensaio intitulado “diógenes e o zen”:

O treinamento nas comunidades zen encaminha as consciências em direção a um despertar (*satōri*, em japonês), uma iluminação, indescritível, intransferível. O desabrochar de uma consciência icônica, talvez. Os processos usados pelos mestres, no adestramento dos pretendentes à iluminação, são os mais aberrantes, para nossos conceitos ocidentais de pedagogia, centrados na palavra. (LEMINSKI, 2013, p. 130).

Logo, para “despertar”, é necessário ter calma, pois as lições do mestre não são simples, uma vez que transcendem a compreensão lógica. Leminski explica que o treinamento zen inclui “pancadas, pedidos absurdos, atitudes”, além da “concentração em certas anedotas exemplares, atribuídas a velhos mestres” (LEMINSKI, 2013, p. 130). Sendo assim, é preciso ser paciente, meditar e esperar pelo despertar, ações difícilísimas em um mundo no qual a celeridade das atividades é uma regra. O sujeito é então fatalmente acometido pelo abatimento e o sentimento de desilusão.

No poema “A cruel ilusão” diz o poeta: “Esperar, esperar o que não vem/Como ninguém à espera de ninguém.” (PEREYR, 2013, p. 72). Aguardar pacientemente com um propósito bem definido pode parecer, para alguns, um trabalho hercúleo, dado o atual imediatismo das atividades humanas. Esperar por algo que não virá parece-nos, então, ainda mais penoso. O homem vive em um período crítico e uma das saídas para atravessá-lo é se tornando aprendiz de si mesmos, vivendo em estado lírico. Como afirma Pereyr em “Sondagem”, não existe saída: “As soluções? Não há./Mas a vida prossegue, eterna.” (PEREYR, 2013, p. 115).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste trabalho, propomos a análise de aspectos da vida e da obra de Roberval Pereyr, ressaltando a sua atuação como poeta, músico, militante cultural, ensaísta, artista plástico e professor universitário. Além disso, buscamos traçar um perfil do sujeito poético, a partir de aspectos inerentes à sua poesia, isto é, o diálogo cultivado com outros poetas pertencentes à tradição poética ocidental (através da intertextualidade) e dos metapoemas e poemas que, apesar de breves, congregam muitas ideias.

Para tanto, traçamos uma breve biografia de Roberval Pereyr, enumerando boa parte dos seus trabalhos realizados nas áreas supracitadas. Citamos textos escritos sobre a sua obra, destacando os mais significativos e as linhas de leitura mais comuns. Discorreremos a respeito dos pontos de vista do poeta, citando trechos de entrevistas, artigos e do seu livro teórico *A unidade primordial da lírica moderna*. Por fim, fizemos a leitura de alguns poemas de Pereyr, do livro *110 poemas*, comentando-os e, na medida do possível, fazendo o cruzamento dos dados biográficos socioculturais com a construção da persona poética.

Pudemos constatar que Roberval Pereyr, ao longo de sua trajetória sociocultural, além de produzir obras em diversos segmentos artísticos (música, literatura, artes plásticas) e no meio acadêmico, também exerceu a função de editor, coordenador de revistas literárias e orientador, auxiliando nas produções de várias pessoas. Um dos fundadores da revista *Hera* e responsável por muitas das manifestações em torno da literatura em Feira de Santana, Pereyr costuma dizer que consolida todas as suas atividades na perspectiva do “criador”, pois, para ele, é uma alegria colaborar com a produção (acadêmica ou literária) de seus colegas e orientandos.

Também foi possível perceber que a teoria e as opiniões de Pereyr sobre poesia e sociedade modernas estão em consonância com certos aspectos temáticos e semântico-estruturais de sua poesia, na qual verificamos ainda a preocupação com a forma (ritmo, musicalidade etc.), o diálogo com a

tradição poética ocidental e a presença de certos traços sertanejos e de imagens que remetem a sua infância na zona rural. Estas verificações, somadas ao trabalho biográfico, abrem novas perspectivas para o estudo da obra do poeta baiano.

REFERÊNCIAS

- ANDRADE, Carlos Drummond de. *Antologia poética*. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.
- ARAÚJO, Jorge de Souza. Maestria nos ofícios de dizer. In: PEREYR, Roberval. *110 poemas*. Salvador: Quarteto, 2013.
- ARAÚJO, Miguel Almir Lima de. *Sertania: sabenças de uma saga agridoce*. Feira de Santana: UEFS Editora, 2013.
- BARBOSA, Livia. *A sociedade de consumo*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2004.
- BARTHES, Roland. *O grau zero da escrita*. Lisboa: Edições 70, 1989.
- BASTOS, Nildecy de Miranda. Poliédrico e Mutante, como os eventos pós-modernos (Movimentos migratórios de Roberval Pereyr). In: FONSECA, Aleilton. (Org.). *O Olhar de Castro Alves: Ensaios Críticos de Literatura Baiana*. Salvador: Assembléia Legislativa do Estado da Bahia, Academia de Letras da Bahia, 2008. p. 405-412.
- BASTOS, Nildecy de Miranda. *Roberval Pereyr em suas faces e interfaces*. 2009. Tese (Doutorado) – Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2009.
- BOAVENTURA, Idmar. *Dissonâncias diante do espelho: o lugar do sujeito na poética da alta modernidade*. Feira de Santana: UEFS editora, 2011.
- BOAVENTURA, Idmar. *O homem e seus duplos: a reflexividade do sujeito na poesia de Roberval Pereyr*. 2007. 66 f. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-graduação em Literatura e Diversidade Cultural, Universidade Estadual de Feira de Santana, Feira de Santana, 2007.
- BOSI, Alfredo. *Literatura e Resistência*. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.
- BOSI, Alfredo. *O ser e o tempo da poesia*. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

- BRASILEIRO, Antonio. *Da Inutilidade da Poesia*. Feira de Santana: UEFS, 2012.
- CARONTE, Modesto. *A poética do silêncio: João Cabral de Melo Neto e Paul Celan*. São Paulo: Perspectiva, 1979.
- COLARES, Majela. *Zé Limeira e Orlando Tejo: surrealismo à flor da tinta*. [03 de outubro de 2006]. Disponível em: <<http://www.jornaldepoesia.jor.br/maj18.html>>. Data de acesso: 31/07/2014.
- COPPENS, Patrick. Roberval Pereyr ou “verdade de ser” / Roberval Pereyr ou «lavérité d’être». In: FORGET, Daniele; OLIVEIRA, Humberto de. (Org.). *Traversées/Travessias*. Québec: ÉditionsAdage, 2008. p. 66.
- DOREA, Juraci. Hera: um movimento, mais que um grupo. In: SANTANA, Valdomiro. *Literatura Baiana 1920-1980: depoimentos*.
- ELIOT, T. S. *A essência da poesia*. Rio de Janeiro: Artenova, 1972.
- GOYANNA, Flávia Jardim Ferraz. *O Lirismo anti-romântico em Manuel Bandeira*. Recife: FUNDARPE, 1994.
- GULLAR, Ferreira. *Toda Poesia*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1999.
- KRISTEVA, Julia. *Introdução à semanálise*. São Paulo: Perspectiva, 1974.
- LEMINSKI, Paulo. *Vida: Cruz e Souza, Brashô, Jesus e Trótski*. São Paulo: Companhia das Letras, 2013.
- MAY, Rollo. *A Coragem de criar*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1982.
- PAES, José Paulo. Boletim de Saúde. In: *O lugar do outro: ensaios*. Rio de Janeiro: Topbooks, 1999.
- MOISÉS, Massaud. *A criação literária: introdução à problemática da literatura*. São Paulo: Editora Melhoramentos, 1968.
- PAULA, Laura da Silveira. *Teoria da Literatura*. Curitiba: IBPEX, 2011.
- PEREYR, Roberval. *Iniciação ao Estudo do I*. Feira de Santana: Edições Cordel, 1973.

PEREYR, Roberval. *Cantos de Sagitário*. Feira de Santana: Edições Cordel, 1976.

PEREYR, Roberval. *As roupas do nu*. Salvador: Fundação Cultural do Estado da Bahia, 1981.

PEREYR, Roberval. *Ocidentais*. Feira de Santana: Edições Cordel, 1987.

PEREYR, Roberval. *O súbito cenário*. Feira de Santana: Edições Cordel, 1996.

PEREYR, Roberval. *Concerto de ilhas*. Campinas: Versal Casa de Livros, 1998.

PEREYR, Roberval. *Saguão de mitos*. São Paulo: Cone sul, 1998.

PEREYR, Roberval. Mercado e culturalismo versus poesia. In: BRASILEIRO, Antonio; SANTANA, Evila Santana; VUILLEMIN, Alain. (Org.). *A crise da poesia no Brasil, na França, na Europa e outras latitudes*. Feira de Santana: Editora da UEFS, 2006, p. 21-33.

PEREYR, Roberval. *Entre a Racionalidade e a experimentação*: entrevista [8 de janeiro de 2009]. São Paulo: Portal Cronópios. Disponível em: <<http://cronopios.com.br/site/artigos.asp?id=3737>>. Acesso em: 20 fev. 2014. Entrevista concedida a Vítor Nascimento Sá.

PEREYR, Roberval. *Acordes*. Feira de Santana: UEFS, 2010.

PEREYR, Roberval. *Na Mira - Roberval Pereyr*: entrevista. [13 de agosto de 2010]. Feira de Santana: Revista Mira. Entrevista concedida a Edson Machado.

PEREYR, Roberval. *Amálgama*: Nas praias do avesso e poesia anterior. Salvador: SCT, FUNCEB, 2004.

PEREYR, Roberval. *A unidade primordial da lírica moderna*. Feira de Santana: UEFS, 2000.

PEREYR, Roberval. *Mirantes*. Rio de Janeiro: 7letras, 2012.

PEREYR, Roberval. *110 poemas*. Salvador: Quarteto, 2013.

PEREYR, Roberval. *Entre a Racionalidade e a experimentação*: entrevista. [31 de setembro de 2013]. Brasília: TV Senado. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=q-Bf32RfbtM> >. Acesso em: 26 fev. 2014. Entrevista concedida a Maurício Melo Júnior.

PIGNATARI, Décio. *Comunicação poética*. São Paulo: Cortez & Moraes, 1977.

RAMOS, Ísis Moraes. Anônimo no corpo ulcerado da urbe: a condição do poeta moderno na lírica de Roberval Pereyr. In: FONSECA, Aleilton; PATRÍCIO, Rosana. (Org.). *Cantos & recantos da cidade*: vozes do lirismo urbano. Itabuna: Via Litterarum, 2009. p 9-49.

SANTOS, Idelette Muzart-Fonseca dos. *Memória das Vozes*: cantoria, romanceiro & cordel. Salvador: Secretaria da Cultura e Turismo, Fundação Cultural do Estado da Bahia, 2006.

SIMPSON, Pablo. Arcanos & Exílio na poesia de M^a L. Alvim e Roberval Pereyr. *Léguas & meia*, v. 3, nº 2, p. 220-228, 2004;

STAIGER, Emil. *Conceitos fundamentais da poética*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1997.

VALVERDE, Luiz Antonio de Carvalho. De Baudelaire a Drummond, em meio às flores do sertão, temos poesia: Uma leitura dos poetas da geração 70, de Feira de Santana, frente à lógica centro-periferia. *Odisséia*, v. 8, nº 1, p. 5-11, 1994.